



PUC  
RIO

NAZLI FARAJ SASSON

A REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ NA MÃE BRÁVIDA:  
UM ESTUDO DE CASOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

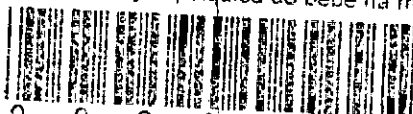
Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1987.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / S252r / TESE UC

Título: A representação psíquica do bebê na mãe



0 0 2 6 6 9 8

Ex 1-CENTRAL

2233

NAZLI FARAJ SASSON

A REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ NA MÃE GRÁVIDA:  
UM ESTUDO DE CASOS

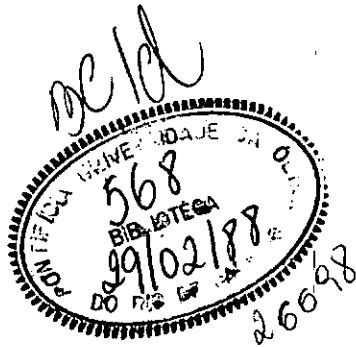
DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO  
DE PSICOLOGIA DA PUC/RJ COMO PARTE DOS  
REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE  
MESTRE EM PSICOLOGIA.

ORIENTADORA: TEREZINHA FÉRES CARNEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
RIO DE JANEIRO, 14 de agosto DE 1987

VC - 00016329 - 1



150  
S252 n  
TESE UC

Ao meu filho Alex, pelo sentido à maternidade  
Ao Moisés, pelo contagiante espírito empreendedor.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Terezinha Feres Carneiro pelo estímulo e ajuda na organização deste estudo.

À Professora Circe Navarro Vital Brazil de quem aprendi muitos dos conceitos usados neste trabalho.

À amiga Suzana Tonin que com muito carinho, através de sua visão crítica, contribuiu para a nitidez deste trabalho.

À minha colega de turma Ethel Resch cuja amizade tornou mais rica e humana esta experiência.

À Maria de Fátima Gonçalves pelo seu cuidadoso trabalho de datilografia.

Finalmente, à CAPES e à PUC pelo apoio financeiro.

## RESUMO

Este trabalho aborda a questão da representação psíquica do filho para a mulher. O seu objetivo é estudar aspectos dessa representação a partir da escuta do discurso de mulheres grávidas a respeito da sua gestação e do bebê que vai nascer. O desejo da mãe emerge como ponto central dessa escuta.

O estado de plenitude vivido pela mulher durante a gravidez, e o seu desejo de reedição da história familiar, são aspectos pregnantes nos seis casos estudados. Esses elementos são compreendidos basicamente a partir das idéias de Freud sobre a feminilidade, dos conceitos de desejo e falta colocados por Lacan, e da interpretação de Pierá Aulagnier do discurso da mãe antecipatório ao nascimento do filho.

## ABSTRACT

This paper deals with the psychic representation of the baby to pregnant women. It aims at studying aspects of this representation using, as source material, the discourse of pregnant women about their pregnancy and the baby they will deliver. The mothers' wishes is the central focus of analysis of these discourses.

The state of wholeness experienced by women during pregnancy and her wish to recreate the family history are presented in the six cases studied. The understanding of these elements relies on Freud's theories about femininity, on Lacan's ideas about desire and lack and, also, on the nature of pregnant women's discourse before birth studied by Pierá Aulagnier.



	Pág.
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I : Sexualidade Feminina na Obra de Freud	4
CAPÍTULO II : A Representação do Bebê na Mulher: A Dimensão Lacaniana	24
CAPÍTULO III: A Representação do Bebê e o Discurso que Antecede ao Nascimento	37
CAPÍTULO IV : Estudo de Casos	44
1. Metodologia	
2. Apresentação e Discussão das Entrevistas	
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXO: Transcrição de uma Entrevista	98

## INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a "representação psíquica" do filho para a mulher. O seu objetivo central é estudar a natureza e o conteúdo dessa representação a partir da escuta do discurso da mãe a respeito da sua gravidez e a respeito do filho, no período da gestação. A nossa escuta está voltada para o desejo da mãe.

Especificamente, este estudo está voltado para as manifestações do estado de plenitude vivido pela mulher durante a gestação e, também, para os conteúdos que indicam o desejo da mãe em reeditar a história familiar.

O primeiro ponto estudado nesta pesquisa é o papel da maternidade na sexualidade feminina que parte diretamente das idéias de Freud. Para ele a posição feminina se estabelece na medida em que, pela vivência da castração, a menina entra na fase edípica, onde é estabelecida a equação simbólica pênis-bebê que perdura na vida da mulher. Em outras palavras, o desejo da menina de possuir o pênis que inicialmente lhe foi negado é transferido pelo desejo de ter um bebê do pai. "... a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis..."<sup>(1)</sup>. Assim, a possibilidade da maternidade tem implicações na estrutura psíquica feminina.

---

(1) FREUD, S. "Feminilidade" (1933), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, p.157.

Lacan ao fazer uma releitura de Freud, aponta para uma outra dimensão a respeito do Édipo e da Castração. Lacan enfoca tais conceitos pelo vértice do desejo e da falta. Essa compreensão nos possibilita reorganizar também o entendimento da representação do bebê para a mãe.

Na leitura lacaniana o sujeito é primordialmente marcado pela falta. Ninguém é completo em si mesmo. É o reconhecimento da falta que abre o caminho para o sujeito assumir o desejo. A falta é a força que impulsiona o sujeito a procurar sua completude, o objeto de seu desejo. O sujeito vive eternamente essa procura.

Dentro desse enfoque entende-se que a maternidade, o bebê representa apenas de forma efêmera a completude da mulher. Procura-se aqui compreender esse estado de completude da mulher na gravidez e, também, como esse se manifesta nos diferentes momentos da sua vida, na primeira, na segunda e na terceira gestação.

O segundo ponto estudado neste trabalho é o papel do discurso materno que antecede ao nascimento do bebê e as marcas que este pode imprimir na história futura dele. Para isso nos remetemos a Pierá Aulagnier que em seus estudos sobre a psicose<sup>(2)</sup> aponta para essa questão. Para a autora, a história do indivíduo não se inicia com o seu nascimento, ela o precede

---

(2) AULAGNIER, P. "Observações sobre a estrutura psicótica", em: Psicose: uma leitura psicanalítica. Coordenado por C.S. Katz, Ed. Interlivros. Belo Horizonte, 1979.  
..... "O Sentido Perdido ou o 'esquizo' e a significação", em: Psicose: uma leitura psicanalítica. Op.cit.

e possivelmente determina o seu futuro. Desta forma o sujeito faz parte de uma história familiar, mesmo antes de nascer, que vem passando de geração em geração. O sujeito é também reconhecido como um elo de uma corrente cuja sequência e continuidade tem de garantir.

Para Aulagnier, durante a gestação o bebê já é representado para a mãe como sendo o objeto de seu desejo. Essa representação é expressa pelo que chama de "corpo imaginado". É através do "corpo imaginado" que a mãe imprime na criança o seu desejo e todos os aspectos que possibilitam ao bebê a inserção na ordem simbólica, assim como a garantia de que seja o herdeiro da história familiar. Para a autora esses aspectos podem ser detectados ao se analisar o discurso das mães a respeito da gravidez e a respeito dos filhos.

Este trabalho parte de uma revisão da literatura, e em seguida desenvolve um estudo de seis casos. O Capítulo I apresenta uma revisão bibliográfica da obra de Freud a respeito da sexualidade feminina. O Capítulo II faz uma revisão da teoria lacaniana a respeito do Complexo de Castração e do Complexo de Édipo. O Capítulo III apresenta as idéias de Pierá Aulagnier a respeito do discurso antecipatório ao nascimento do bebê e do corpo imaginado. E finalmente, o Capítulo IV desenvolve um estudo de seis casos com mulheres grávidas.

## CAPÍTULO I

### SEXUALIDADE FEMININA NA OBRA DE FREUD

Freud associa o desejo de um filho ao processo de formação da sexualidade feminina. Este capítulo faz uma revisão cronológica das idéias de Freud quanto aos aspectos inerentes a esse processo. A revisão se inicia com o argumento da existência da sexualidade infantil, se desenvolve apresentando as formas pelas quais o complexo de castração marca diferentemente o menino e a menina, e conclui com a forma de resolução do Complexo de Édipo na mulher, destacando a equação simbólica pênis-bebê. Esta equação é o ponto central na concepção freudiana do significado do filho para a mulher.

A revisão proposta acima é feita ao longo dos seguintes trabalhos: "Os Três Ensaio" (1905), "Introdução ao Narcisismo" (1914); "Organização Genital Infantil" (1923); "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924); "Algumas Consequências Psíquicas das Distinções Anatômicas entre os Sexos" (1925); "Sexualidade Feminina" (1931); e "Feminilidade" (1933).

As repetições de idéias ao longo da revisão são propositas. É na reedição destas que Freud paulatinamente evolui a sua teoria.

## OS TRÊS ENSAIOS (1905)

Em "Os Três Ensaios" encontramos as bases essenciais sobre a concepção da feminilidade. Freud inicia argumentando pela primeira vez, de forma estruturada e dentro de uma perspectiva psíquica, a existência da sexualidade infantil. Ele apresenta também as fases pelas quais a libido se organiza e se manifesta. Para ele, a sexualidade não se apresenta apenas nos órgãos genitais. Freud chama de zonas erógenas aos locais do corpo onde a sexualidade se apresenta. A maneira como a libido se organiza diz respeito a essas zonas do corpo erogeneizadas. Assim, Freud nomeia as diferentes maneiras de sua organização de acordo com essas zonas erógenas: oral, anal, fálica e genital. As duas primeiras deu o nome de fase auto-erótica por obter satisfação no próprio corpo.

Freud enfatiza como a organização da libido se dá associada (apoiada) a um desenvolvimento biológico. Cita como exemplo a satisfação oral inicialmente associada a uma necessidade biológica de nutrição e, a satisfação sexual associada à necessidade de reprodução.

A última etapa de desenvolvimento da organização da libido é a fase genital onde é assumida a feminilidade e masculinidade. Isso ocorre a partir das chamadas "pulsões parciais" presentes em cada etapa de organização da libido, que na última fase se fundem sob o primado genital. É só nesse momento que as pulsões parciais se dissociam das necessidades biológicas. O beijo que é considerado uma busca dos primeiros prazeres de suc-

ção do seio é citado como exemplo da satisfação sexual já desvinculada da necessidade de nutrição. Assim, a pulsão busca outra forma de obter prazer.

Freud aborda também neste artigo o Complexo de Castração e a inveja do pênis nas meninas.

Ao tratar das preocupações da criança na infância, aponta como uma delas a diferença entre os órgãos genitais. Inicialmente, na infância, a diferença não traz maiores dúvidas pois as crianças imaginam que todos possuem um pênis. Isto passa a se constituir num problema quando percebem que meninas não tem pênis. Quando finalmente percebem as evidências da ausência de pênis nas meninas e a presença nos meninos, os meninos são tomados por um sentimento de menosprezo em relação a elas. A partir daí sofrem a ameaça de castração. Quanto às meninas, são tomadas de um sentimento de "inveja do pênis" que terá consequências no desenvolvimento da feminilidade.

"As menininhas não recorrem a negação desta espécie quando vêem que os órgãos genitais dos meninos são formados diferentemente dos seus próprios. Elas se dispõem a reconhecê-los imediatamente e são tomadas de inveja pelo pênis - uma inveja que culmina no desejo, tão importante em suas consequências, de serem meninas elas mesmas". (Freud, pg.201, ESB 1974).

No período que precede a latência, a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma em ambos os casos e, por isso, não há ainda, diferenciação sexual. A zona erógena, objeto da masturbação, nas meninas é o clitóris, homólogo ao pênis

do menino. Freud descreve a atividade libidinal masturbatória da menina como "masculina". Segundo ele, a libido é masculina no sentido de que ela é sempre ativa, mesmo quando tem em vista uma finalidade passiva.

É na puberdade que se dá o amadurecimento orgânico dos genitais externos e internos e, nela também se dá a diferenciação final entre as características masculinas e femininas. A puberdade incrementará enormemente a libido dos meninos enquanto que nas meninas, esta sofrerá nova repressão que recairá principalmente sobre a atividade clitoriana. Na menina as inibições sexuais se manifestam no pudor, vergonha e piedade. Essas características desenvolvem-se antes que nos meninos, que são mais resistentes as tendências repressivas.

Freud chama a atenção para a relação entre a supressão sexual nas meninas e a maior dependência afetiva dos pais. A dependência faz com que elas permaneçam infantis no seu amor e frígidas nas relações sexuais. As mulheres passam por uma nova repressão sexual na puberdade ("fase anestésica", diz Freud) até quando lhes é permitido se relacionarem sexualmente. Nesse momento o clitóris deverá poder transmitir sua excitabilidade para a vagina e zonas adjacentes, indicando que a mulher finalmente adotou sua posição feminina.

O fato da mulher ter que suprimir sua sexualidade na puberdade e a exigência da troca de zona erógena do clitóris para a vagina, são fatores determinantes para a assunção de uma posição feminina. Já no homem, o caminho se dá de forma diferen-



te. Ele mantém-se inalterado em todo o seu percurso, pois sua zona erógena principal é sempre o pênis.

### INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914)

Neste artigo Freud aborda o narcisismo partindo da idéia da libido que é afastada do mundo externo e investida unicamente no ego.

Mais tarde faz uma diferenciação entre a libido narcisica (do ego) e a libido de objeto, que tendem a equilibrar-se. Se houver um grande investimento libidinal no ego, haverá uma diminuição de libido disponível para investir no objeto. Freud desenvolve essa idéia dizendo que o ego é considerado um reservatório de libido que envia aos objetos.

Freud utiliza esse modelo para compreender a mulher e o homem no seu desenvolvimento psíquico. Afirma que o homem, ao contrário da mulher, tem o investimento libidinal mais voltado para o objeto do que para o ego. Assim, o homem ama segundo o tipo de amor de objeto. Neste caso o narcisismo original da criança é transferido para o objeto sexual que é, então, supervalorizado. A tendência dele é amar para obter sua satisfação pulsional, o que em troca fortaleceria seu narcisismo.

Com relação às mulheres seu investimento cai mais pa-

ra libido narcísica do que para libido objetal. Assim, a mulher investe em si mesma fazendo-se bonita e atraente.

"Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de ser amada..." (FREUD, pg.106 - ESB, 1974).

Nas mulheres a passagem do narcisismo secundário para o amor objetal poderá ser realizada quando vivenciam a gravidez:

"Na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo." (FREUD, pg.110 - ESB, 1974).

### ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL (1923)

Neste artigo Freud completa o trabalho de 1905. Aqui ele apresenta a fase fálica, além de nomeá-la. Afirma que a vida sexual infantil é semelhante à vida sexual do adulto diferenciando-se apenas no que toca à sua relação com o objeto. Na infância existe um interesse nos genitais assim como nos adultos:

"A diferença está no fato de para ambos os sexos entrar em consideração apenas um órgão genital, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo".  
(FREUD, pg.180 - ESB, 1974):

Na organização fálica apenas o falo é levado em consideração pelas crianças, existindo apenas o pênis e não pênis. Não há ainda o reconhecimento da vagina. No menino (pois Freud se diz ainda conhecer pouco o processo feminino) todo o interesse se volta para o pênis. O menino descobre que nem todos têm pênis. Há uma recusa (verleugnung) da percepção, isto é, inicialmente desconsidera o que foi visto alegando que não foi visto direito ou que ainda vai crescer. Posteriormente é que consideram a possibilidade de castração e que, então, correm perigo. Instaura-se, assim, o Complexo de Castração. Este é melhor compreendido na medida em que é referido à fase fálica.

Para Freud, na fase fálica existe a antítese fálico x castrado, entendendo-se castrado como "não-pênis". Na fase precedente a antítese é ativo x passivo. A antítese feminino x masculino só ocorre na puberdade quando a vagina é reconhecida. Assim, a masculinidade é associada a: sujeito, atividade e pênis. A feminilidade é associada a: objeto, passividade e não pênis.

### A DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO (1924)

Em "A Dissolução do Complexo de Édipo", Freud aborda a resolução do Édipo tanto no sexo feminino como masculino. A castração é relacionada com o Complexo de Édipo e com a entrada na latência. É enfatizado também a ocorrência do Édipo na fase fálica.

No período do Édipo, o menino coloca-se na posição de rival do pai e amante da mãe. Paralelamente, admite sua percepção que a mulher não tem pênis e justifica tal fato através da fantasia de que foi castrado devido a impulsos incestuosos tais como os seus. A partir daí, se dá conta dos perigos que seus desejos lhe trazem. Instaura-se o medo da castração que destrói o Complexo de Édipo. Isso ocorre pois prevalece o interesse narcísico do menino pelo seu pênis aos impulsos incestuosos. Assim, o Complexo de Édipo é destruído, no menino, como resultado do interesse narcísico na preservação do pênis, ou seja, pela ameaça de castração.

Na menina também é atribuído uma fase fálica, um Complexo de Édipo e uma fase de latência. A única diferença é que ocorreria de maneira diferente. Na fase fálica a menina masturba seu clitóris; ao perceber que seu órgão é diferente do menino, sente-se inferiorizada, embora logo aceite como um fato. Ela pensa essa ausência pelo sentimento de inveja do pênis:

"O clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedo do outro sexo, percebe que 'se saiu mal' e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade!" (FREUD, pg.222 - ESB, 1974).

A castração para a menina é um fato consumado. Isto faz com que ela se volte para o pai na tentativa de substituir por um filho o pênis que lhe falta. Se volta para o pai querendo um filho dele. A menina desliza pelos termos da equação pênis-bebê. O Édipo da menina é abandonado gradativamente porque

o desejo por um pênis e depois por um bebê do pai nunca é satisfeito.

"A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza - ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer - do pênis para um bebê. Seu Complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente - dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o Complexo de Édipo é gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos - possuir um pênis e um filho - permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior". (Freud, pág. 223-ESB, 1974).

No caso da menina, diferentemente do menino, o Complexo de Édipo não termina abruptamente, pois não é vivido por ela o medo da castração.

Freud relaciona o término do Édipo com a força do superego. Para ele, a formação é bem menos marcante na menina do que no menino devido a ausência do temor à castração.

## ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DA DISTINÇÃO ANATÔMICA ENTRE OS SEXOS (1925)

Neste artigo Freud coloca de maneira mais clara e específica o desenvolvimento do Édipo na menina e no menino, apontando suas diferenças. Aponta também para a primeira relação da criança com a mãe que chama de fase pré-edípica. Enfatiza a importância dessa etapa principalmente nas meninas.

Nos meninos o Édipo ocorre de forma direta, isto é, não envolve mudanças de objeto já catexizado por sua libido (no caso a mãe). Nas meninas, há uma mudança de objeto. Ela abandona o seu primeiro objeto de amor, a mãe, e investe sua libido em outro objeto - o pai. Freud aborda como a menina abandona o seu vínculo com a mãe (fase pré-edípica) e transfere para o pai.

Como já visto em artigos anteriores, para as meninas a descoberta do pênis, na fase fálica, gera um sentimento de inveja do pênis, que faz com que elas se sintam inferiores e incompletas. A esperança de obter um pênis algum dia, ou a atitude oposta de recusa em se ver castrada, pode persistir e prejudicar seu desenvolvimento em direção à feminilidade.

As consequências psíquicas da inveja do pênis, podem ser várias: - A primeira se dá quando a menina se apercebe da ausência de pênis se sentindo ferida no seu narcisismo, desenvolvendo um sentimento de inferioridade; - Num segundo caso, a inveja do pênis pode persistir de maneira deslocada estruturando

um traço de caráter que é o ciúme; - Num terceiro caso, pode haver um afastamento gradativo da relação da menina com a mãe, como objeto de seu amor. A mãe é responsabilizada por não ter lhedado o pênis desejado. Frequentemente surge o ressentimento ligado à fantasia de que sua mãe dá mais amor ao seu irmão portador do pênis. Nessa fase, cessa a masturbação clitoriana. Essa atitude ocorre não apenas pela repressão vinda do exterior, mas pelo sentimento narcísico de humilhação ligado a inveja do pênis, de não poder competir com os meninos dada a inferioridade de seu órgão genital.

O reconhecimento que existe uma diferença anatômica entre os sexos (na fase fálica) faz com que a menina abandone sua fase masculina (de masturbação clitoriana) e se conduza ao desenvolvimento da feminilidade. Freud explica da seguinte maneira:

"Agora, porém a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha - não há outra maneira de exprimi-lo - da equação 'pênis-criança'. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúume." (FREUD, pg.318 - ESB, 1974).

Assim, o Complexo de Édipo na menina começa a desempenhar um papel a partir do momento em que troca o desejo de um pênis por um bebê do pai, daí o amor ao pai.

Freud conclui, que nos meninos é pelo Complexo de Castração que o Complexo de Édipo será destruído, enquanto que nas meninas o Complexo de Castração é o responsável pela sua entrada no Édipo. Assim, o Édipo nas meninas é uma formação secundária, e nos meninos primária.

Quanto ao Complexo de Castração nas meninas e nos meninos, a diferença está numa castração que foi executada e outra que foi ameaçada.

### SEXUALIDADE FEMININA (1931)

Neste artigo Freud se atem unicamente ao estudo da sexualidade feminina sintetizando idéias dos artigos anteriores e aprofundando o conhecimento a respeito da fase Pré-Edípica (relação da menina com a mãe antes da troca de objetos). Discute também com maior precisão a maneira como ocorre a troca de objeto sexual no sexo feminino.

Freud inicialmente retoma a idéia do artigo anterior, enfatizando que o Complexo de Édipo na menina difere do menino na medida em que na menina, seu primeiro objeto de amor é a mãe, e mais tarde muda de objeto assim como também de zona erógena. No menino isso não ocorre, mantendo o mesmo objeto de amor e zona erógena.



A partir dos estudos de seus casos clínicos conclui que quando a ligação da menina com o pai é intensa, possivelmente houve uma relação igualmente intensa e apaixonada pela mãe. A não ser pela troca de objeto, esta segunda fase de vínculo amoroso com o pai, segue o mesmo modelo daquela ligação estabelecida com a mãe.

O vínculo com a mãe é de vital importância a ponto de muitas mulheres permanecerem ligadas lididinalmente a ela sem nunca fazer uma mudança de objeto. A menina, desta forma, só atinge o Complexo de Édipo positivo depois de superar esse período de apego à mãe, que é regido pelo Édipo Negativo.

Fica evidente a bissexualidade na mulher. Explica isso relacionando o fato da mulher ter duas zonas erógenas: inicialmente o clitóris e futuramente a vagina que só será descoberta na puberdade. Como já visto, a fase inicial é de caráter masculino pois o clitóris é o órgão que prevalece. A segunda fase é de caráter feminino pois a vagina prevalece como órgão sexual.

O efeito da castração na menina é um sentimento de inveja e inferioridade, podendo reagir a esses sentimentos de três maneiras:

1. Renuncia sua sexualidade devido a insatisfação com seu clitóris. Ela abandona também a atividade fática ficando toda sua sexualidade prejudicada originando a frigidez;
2. Outro caminho é de revindicação do pênis, permanecendo numa postura insatisfeita da sua condição e na esperança que vai ter um pênis - complexo de masculinidade - esse desejo passa a ser um objetivo de vida; ou
3. Toma o pai como objeto de amor encontrando o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo.

Freud analisa também com maior detalhamento os motivos do afastamento entre a menina e a mãe. Resume esses motivos em três itens:

1. Ressentimento por parte da filha por não ter recebido da mãe um pênis;
2. Ressentimento com a mãe por não ter a capacidade de proporcionar-lhe amor, alimento suficiente e atenção. (O amor e a posse exclusiva na criança são ilimitados).
3. Ressentimento pelo fato da mãe tê-la despertado sexualmente e posteriormente proibi-la ao prazer da masturbação.

Assim Freud conclui que a ligação da menina com a

mãe tem um alto grau de ambivalência (amor e ódio) o que já não ocorre com o menino, pois eles mantêm o amor com a mãe e o ódio ao pai.

Freud discute também neste artigo as metas sexuais pré-edípicas na menina apontando para a questão da passividade e atividade. Os fins sexuais com relação à mãe são de natureza tanto ativa como passiva dependendo da fase de desenvolvimento da libido em que a criança se encontra. As primeiras experiências da menina são de natureza passiva pois depende da mãe para sobreviver. É a mãe que amamenta, lava, veste e carrega. Todos esses cuidados da mãe e a necessidade da criança configuram uma relação tal que a criança é apassivada pela mãe.

Os desejos passivos da menina, na fase fálica, se expressam através de acusações feitas à mãe por tê-la seduzido. A mãe é de fato, a primeira pessoa a seduzir a criança, através de cuidados corporais. Produz assim, sensações de prazer que a criança supõe que sejam repetidas. Com relação aos desejos ativos nesta mesma fase, são também dirigidos à mãe e acompanhados por masturbação clitoriana, que devem envolver fantasias com a mãe, como por exemplo dar um bebê à mãe.

O afastamento da menina para com a mãe tem um significado muito maior que uma simples troca de objeto; esse processo envolve a troca de zona erógena e também dos fins sexuais, do ativo para o passivo. A frustração das tendências ativas contribui para prevalecer as tendências passivas. Mas se as tendências ativas forem demasiadamente inibidas, há o perigo da sexualidade da menina também ser demasiadamente inibida.

Freud conclui que a transição de investimento na mãe para o pai é conseguida através do auxílio das tendências passivas que abre caminho para a feminilidade.

### FEMINILIDADE (1933)

Este é o último artigo onde Freud trata da sexualidade feminina. Trata-se de uma obra onde não há inovação, apenas reorganiza as idéias já tratadas anteriormente.

Fala sobre a bissexualidade enfatizando que o indivíduo não é apenas homem ou mulher, mas que ambas as características coexistem na mesma pessoa. Esta noção é utilizada não apenas em termos biológicos mas sua representação na esfera psíquica. Em relação à anatomia, Freud faz analogia entre espermatozóide que é ativo (móvel) e o óvulo que é passivo (aguarda imóvel). A associação entre masculino como ativo e feminino como passivo, seria um erro pois estaria baseada única e exclusivamente num modelo biológico. Cita como exemplo a mãe que é extremamente ativa nos cuidados de seu filho sem ser por isso masculina. Freud enfatiza a feminilidade num sentido psíquico, como a preferência por fins passivos.

Freud aborda a questão sobre como a mulher, um ser bissexual, chega a tornar-se mulher.

A menina e o menino passam pelas mesmas fases de organização da libido. Até a fase fálica não haveria portanto diferenças entre os dois sexos. Nesta fase o clitóris é a principal zona erógena para a menina (que ainda desconhece a vagina). A masturbação portanto é "fálica" em ambos os sexos.

Após a fase fálica, como já visto anteriormente, a menina mudará de zona erógena e também de objeto e de fins sexuais. A troca de objeto da mãe para o pai é acompanhado de sentimento de ódio. O motivo primordial deste afastamento é o Complexo de Castração, que faz referência a ausência de pênis pela qual a mãe é responsabilizada. O amor da menina pela mãe era por uma mãe fálica. Com a descoberta da castração na mãe, ela a abandona como objeto, desvalorizando-a, como a si mesma.

Freud chama a atenção para essa fase pré-edípica, fase onde a menina ainda não efetuou a troca de objeto, e onde mantem o vínculo com a mãe, como muito importante para o desenvolvimento da sexualidade feminina. A maneira como a menina vai vivenciar sua relação com o pai na fase edípica, segue o mesmo modelo de relação que a menina teve com a mãe nesta fase.

O Complexo de Castração nas meninas, expresso na inveja do pênis, se constitui para ela como a grande reviravolta que determinará seu destino sexual. A descoberta da castração leva a menina a abandonar sua atividade masturbatória clitoriana e, junto com esta, parte da atividade em geral. Isto abre espaço para um incremento dos impulsos sexuais passivos, que a ajudam a voltar-se para o pai, com o desejo de receber dele um pênis. Isto é

que marca a entrada no Édipo positivo. A situação feminina no entanto, só é alcançada quando o desejo pelo pênis é substituído pelo desejo por um bebê. Sua satisfação será maior no futuro se ela conceber um filho homem, que trará consigo o pênis tão longamente almejado:

"O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, ... Sua felicidade é quando se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá, se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado. Com muita frequência em seu quadro combinado de um bebê de seu pai, a ênfase é colocada no bebê, e o pai fica em segundo plano. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis ainda está ligeiramente visível na feminilidade, alcançada desse modo. Talvez deveríamos identificar esse desejo do pênis como sendo, por excelência, um desejo feminino." (Freud, pg, 157-158 - ESB, 1974).

## REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ NA MÃE: REFERENCIAL FREUDIANO

Em "Os Três Ensaio" (1905), Freud apresentou de maneira sistemática uma teoria sexual e admitiu a existência de uma sexualidade infantil. Freud centralizou este estudo em torno do Complexo de Castração e no Complexo de Édipo. Utilizou o

modelo da sexualidade masculina como referência à sexualidade feminina. Fez uma homologia entre pênis e clitóris, conferindo um caráter masculino à excitabilidade do clitóris na menina . Colocou ainda, que só através de um recalque sobre essa sexualidade masculina na menina é que se tem acesso ao feminino.

Mais tarde em Organização Genital Infantil (1923) , Freud declarou suas dúvidas em relação ao paralelismo entre o processo de desenvolvimento da menina e do menino. Começou a introduzir a referência fálica, passando daí por diante a relacionar a primazia do falo às diferenças nos processos edípicos da menina e do menino. Em Dissolução do Complexo de Édipo (1924) Freud marcou mais a diferença entre o Édipo masculino e o feminino. Para cada um dos sexos, declarou haver um caminho distinto a seguir a partir da fase fálica.

A idéia do Complexo de Castração deu condições para se estabelecer esses diferentes caminhos. Apontou para a equação simbólica pênis-bebê.

Mais tarde em seu artigo "Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos" (1925), as diferenças de desenvolvimento entre a menina e o menino foram mais explicitamente colocadas; o Complexo de Édipo no menino desaparece devido ao Complexo de Castração, enquanto na menina, é este último que a faz ingressar no Édipo. A importância da fase pré-edipiana no desenvolvimento da menina foi enfatizada e aprofundada em "Sexualidade Feminina" (1931). No entanto, foi "A Feminilidade" (1933) que o autor formalizou tais conhecimentos.

Esse recorte das idéias de Freud estabelece para nós o primeiro referencial teórico para o entendimento do significado do desejo de um filho para a mulher. A equação simbólica pênis-bebê traz à idéia de que a situação feminina se estabelece na medida em que o desejo do pênis é substituído pelo desejo de um bebê.

Freud reconhece porém que suas colocações em relação à feminilidade não são tão precisas como o entendimento do desenvolvimento masculino. Esse assunto teve, para ele, um caráter inacabado apesar de demonstrar uma constância em suas hipóteses sobre o problema da sexualidade feminina. No seu último artigo sobre o assunto, "Feminilidade" (1933), declara:

"Se desejam conhecer mais sobre a Feminilidade, consultem sua própria experiência, dirijam-se aos poetas, ou melhor ainda, esperem que a ciência se torne apta a fornecer ensinamentos mais profundos e mais coordenados." (Freud, pg.165 - ESB, 1974).

No capítulo seguinte, a questão da representação do bebê para a mulher é reaberta sob a ótica de Lacan.



## CAPÍTULO II

### A REPRESENTAÇÃO DO BEBÊ NA MULHER: A DIMENSÃO LACANIANA

A leitura Lacaniana de Freud permite um outro entendimento da questão da representação do bebê para a mulher. Este capítulo explora esse redimensionamento. A partir da apresentação dos conceitos básicos em Lacan de "Real", "Imaginário", e "Simbólico", e ainda do "O Estádio do Espelho", são revistos o Complexo de Castração e o Édipo concebidos por Freud.

#### OS CONCEITOS BÁSICOS

Na releitura Lacaniana os conceitos de Freud são re-  
visados segundo o modelo do pensamento estruturalista. Mais es-  
pecificamente, este baseia-se na linguística estrutural e no  
conceito de estrutura tal como Levi-Strauss postula. Com rela-  
ção a linguística, Lacan refere-se a FERDINAND DE SAUSSURE, que  
foi o primeiro a apresentar a unidade linguística do signo em  
forma estrutural, isto é, a unidade se definindo a partir de  
um sistema diferencial entre os elementos. Quanto a Levi-Strauss,  
Lacan utiliza-se do conceito de função simbólica. Para ambos a  
ordem simbólica é a estrutura universal que organiza o univer-  
so humano.

Lacan parte sempre de três elementos, que  
se organizam e se constituem um em  
relação ao outro caracterizando uma estrutura. Os três elemen-

tos a que Lacan se refere são o Real, o Simbólico e o Imaginário. Desses três registros, o Simbólico é aquele que funciona como mediador entre o Real e o Imaginário. Ele é o terceiro elemento que possibilita a formação de uma combinação. Quando não há o terceiro elemento, a relação passa a ser biunívoca.

A relação inicial mãe-bebê é uma relação simbiótica. A relação é imediata, não havendo um terceiro elemento que mediatise a relação. No entanto, para que o bebê se diferencie da mãe, é necessário que se estabeleça uma relação mediada por um terceiro. Esse aspecto será estudado mais profundamente quando falarmos em Édipo e no Estádio do Espelho.

A idéia de estrutura implica em que os elementos não sejam dados em si. A existência de um elemento é sempre definida em relação aos outros que o acompanham, ou seja, a partir das suas interrelações. Esses elementos a que estamos nos referindo, são chamados por Lacan de significantes. Estes, só tomam seu valor por oposição estrutural aos demais. O critério de lugar ou posição refere-se, à idéia de cadeia de significantes onde todo e qualquer significante só é significado em relação a outros. Assim, os significantes são elementos que só adquirem sentido pela posição que ocupam na estrutura, ou melhor, na medida em que são relativizados com os outros elementos que o acompanham. Assim, os lugares prevalecem sobre aquilo que vem preenchê-los.

## O SIMBÓLICO

O Simbólico é o registro que possibilita a mediação entre o Real e o Imaginário. Ele é o terceiro elemento. É através dele que se cria a condição de combinação estrutural dos três elementos.

O registro simbólico dá condição ao homem de constituir-se enquanto sujeito, ou seja, inserir-se no contexto. A linguagem, para Lacan, é uma estrutura simbólica que como tal, antecede e determina qualquer sujeito. Esta é uma estrutura anterior ao nascimento do sujeito. Assim sendo o lugar do sujeito já está determinado antes mesmo de seu nascimento, por uma estrutura que o antecede. Na "Instância da Letra no Inconsciente" Lacan argumenta:

"Pela razão primordial que a linguagem com sua estrutura pré-existente a entrada que nela faz cada sujeito a um dado momento de seu desenvolvimento mental . . . Da mesma maneira, o sujeito, se parece servo da linguagem, ele o é mais ainda de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde seu nascimento, ainda que seja apenas sob a forma de seu nome próprio." (Lacan, 1978).

O Simbólico, como estrutura determinante do sujeito, designa a ordem - a lei necessária que possibilita ao homem constituir-se como animal cultural. Um exemplo que mostra a passagem do homem animal para um sujeito simbólico, é o da experiência do primeiro grito infantil. Primeiramente, este gri-

to é desprovido de qualquer significação. Na medida em que a mãe, representante do Simbólico, dá uma significação a esse grito, ele se torna uma fala humana. Deve-se lembrar que a mãe, como representante do Simbólico, está submetida à Lei.

Lacan, através do conceito do Simbólico, distingue os seres biológicos dos sociais. O primeiro define-se pela relação direta com a realidade e o segundo pela mediação, ou seja, pela representação que fazem da realidade — A Lei Inconsciente está presente.

A entrada do indivíduo no Simbólico é marcada pela função paterna. Inicialmente a relação mãe-bebê é imediata, chamada de imaginária. Mais tarde o pai (Simbólico) corta essa relação através de um Não (Nom-du-Père, que designa Nome do Pai), mediatizando a relação.

## **O IMAGINÁRIO E O ESTÁDIO DO ESPELHO**

O registro Imaginário define-se pela relação especular ou dual. A primeira referência ao registro Imaginário na obra de Lacan encontra-se em "O Estádio do Espelho".

O Estádio do Espelho caracteriza-se pela chamada relação imaginária. Trata-se de uma experiência estruturante do "infans" através da imagem que lhe reenvia o espelho. O bebê interessa-se pela imagem especular, uma vez que esta lhe proporciona o reconhecimento de si. A condição humana que se

caracteriza neste estágio, é de carência, insuficiência, abandono, alienação e dependência. As consequências que dela decorrem são basicamente a vivência de unidade, isto é, o início de uma possibilidade de aquisição de uma identidade.

Ver uma imagem especular é um júbilo pois há uma vivência de completude e de satisfação que a imagem de forma "ilusória" proporciona ao "infans". Trata-se de uma imagem ilusória, porque a criança nesse momento vê na imagem, uma unidade e coordenação corporal. A completude oferecida pela forma especular é imaginária pois não corresponde ao real corporal. Assim, a imagem não é representação direta do que se passa realmente no plano biológico — o corpo encontra-se ainda imaturo (corpo fragmentado).

Mas o estágio do espelho é, também, o estágio da identificação narcísica alienante. A mãe é a pessoa que se presta para essa identificação. Nesse momento da relação especular há uma confusão de si e do outro. É na imagem desse outro que a criança aliena-se.

"É no outro, primeiramente, que o sujeito se vê e se referencia". (Lemaire, 1982).

Inicialmente a criança deseja ser tudo para a mãe. Ela deseja ser o complemento da sua falta: o falus. A criança é "o desejo do desejo da mãe" e para isso, o bebê identifica-se com o objeto deste desejo, ou seja, ao falus.

Neste estágio, o bebê ao identificar-se com o objeto do desejo do outro, ele não é um "sujeito" mas uma falta. Daí o estado de completa dependência que caracteriza esse momento.

Devemos lembrar aqui, que os termos "imagem especular", "espelho" a que Lacan se refere são metáforas que dizem respeito ao desejo da mãe com relação ao bebê e que reflete sobre ele como um espelho o faria. A imagem especular do bebê vinda da mãe é um modelo de identidade do "infans", ou seja, uma espécie de molde, uma prefiguração de seu papel.

A fase do espelho representa a alienação a que todo ser humano está predestinado. Trata-se de um estágio inerente à constituição do eu. A alienação é a condição da subjetividade do ser humano. É através da imagem alienante de um outro, que a criança se delimita a se reconhecer como humana. É a partir dessa alienação que surge a possibilidade da diferenciação. Nessa relação, que ao mesmo tempo é diferenciadora e alienante, surge o sujeito na sua dimensão cindida de eu imaginário (eu à imagem do outro-moi) e eu simbólico (je). Nesse primeiro reconhecimento de si pelo outro, a criança estrutura primeiramente o "moi". No segundo momento há o reconhecimento do outro, o "je". Em termos linguísticos essa cisão (spaltung) caracteriza o sujeito na sua dupla articulação de sujeito de enunciado e sujeito da ennunciação, isto é, o "moi" e o "je".

O estágio do espelho configura-se em três etapas: primeiro, a criança considera a imagem do espelho como se fosse uma realidade; em seguida cessa de tratar essa imagem como real; na terceira etapa ela reconhece esse outro da imagem como sen-

do sua própria imagem. O terceiro tempo do estádio do espelho corresponde ao primeiro tempo do Édipo.

### O REAL, A FALTA E O DESEJO

O Real designa a falta. O real aponta para a impossibilidade de completude, para a falta constitutiva inerente ao sujeito. Para que a coisa seja representada, ela tem que morrer no plano da completude plena. O sujeito é dividido a partir do momento em que precisa, para ser simbolizado, morrer como sujeito no plano real. A morte, a falta é a condição necessária para o simbólico, pois o ser da linguagem pressupõe a morte da coisa.

"... o simbólico se manifesta primeiro como assassinio da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo." (Lacan, 1978).

Do ponto de vista do registro simbólico, podemos situar o real como a coisa que falta, ou seja, o lugar vazio que se faz necessário para que o significante se produza em sua articulação diferencial com outros significantes. Nesta perspectiva, o real é o que Lacan denomina "coisa" ou experiência de falta e por isso causa do desejo.

A falta é um conceito encontrado em toda obra Lacaniana. Para Freud a primeira experiência de satisfação é única e plena, (possivelmente com a mãe), a partir daí o indivíduo busca essa satisfação novamente, sob outras formas, surgindo en

tão o desejo.

Assim como a necessidade movimenta-se a partir da ausência de um objeto, o desejo também movimenta-se sob a ausência de um objeto, só que um objeto psíquico e não real como no primeiro caso. Como exemplo, podemos citar um animal onde a necessidade é satisfeita quando atinge o objeto que precisa. No homem, a necessidade como está submetida ao simbólico, se atualiza como repetição permanente da falta do objeto. O objeto ao qual nos referimos aqui é aquele que outrora preencheu uma necessidade e causou satisfação. (Ex. a mãe que amamenta). Existe a nível psíquico a busca constante desse objeto que satisfaz um dia o sujeito. Para FREUD, o desejo é a busca da satisfação primeira (a primeira união com a mãe). Para ele, a primeira experiência de satisfação é única plena, e o indivíduo está sempre buscando essa satisfação.

Na medida em que o homem vive a procura do restabelecimento do primeiro prazer, vive também substituindo o objeto dessa satisfação. Essa substituição é característico do processo psíquico e define o que é chamado de desejo na psicanálise. A substituição, segundo Lacan, é sempre falhada, uma vez que o suposto objeto, que gera a experiência de completude, só existe enquanto "representação". Assim, o desejo, tanto para FREUD como para LACAN, se caracteriza pela insatisfação, incompletude e pela falta. O objeto que supostamente restabeleceria a satisfação não existe, ou seja, tem uma existência mítica.



Na releitura de Freud, Lacan não deixa dúvidas ao apontar que o objeto perdido a que Freud se refere, remete a idéia de que para ter desejo, a coisa deve estar morta, ou seja, a coisa (objeto) só deve estar presente sob a forma de representantes. Nesse sentido, voltando ao registro simbólico, este simboliza a falta tornando presente a ausência. Muitas vezes esse processo de simbolização não é bem sucedido como nos casos da psicose. Nesses casos, o sujeito permanece preso numa falta absoluta porque não consegue simbolizar, isto é, tornar presente essa falta. Em oposição a esses casos, que não tiveram uma relação simbólica com a falta, está o neurótico que é capaz de simbolizar a falta e portanto de nomear o seu desejo.

### O COMPLEXO DE ÉDIPO E A CASTRAÇÃO

Para Lacan, o Édipo não é entendido apenas como um jogo de sentimentos amorosos e de agressividade. O Édipo, assim como a Castração são vistos como um mito, ou melhor, como uma vivência fantasiosa. Desta forma, estão ligados a uma ordem imaginária, e também estão articulados a um registro simbólico.

O que é importante na fase edípica são as operações que se estabelecem e que levam o sujeito a passar do plano biológico ao plano da cultura. É pelo fenômeno do Édipo que o indivíduo passa da relação dual, imediata ou especular (registro imaginário) à relação mediata, própria do registro simbólico.

Nessa primeira relação do bebê com a mãe, já visto no Estádio do Espelho, o sujeito aliena-se à imagem do outro (mãe). O seu sentimento de despedaçamento do próprio corpo e sua imaturidade física, faz com que deseje não apenas o contato e os cuidados da mãe, mas também ser tudo para ela; ele deseja ser o complemento que falta a sua mãe: o falus. "Ele é o desejo do desejo da mãe" e, para satisfazê-lo identifica-se com o objeto deste desejo — "o falus". Assim, para a criança se assegurar do sustento afetivo total da sua mãe, ela busca inconscientemente ser, ela mesma, o que pode melhor preencher a mãe. Procura tornar-se tudo para ela. Neste estágio é onde ocorre uma identificação narcísica (identificação primária) dita alienante. Diz-se alienante pois não é um sujeito, é apenas o objeto do desejo do outro. Nesta fase a criança identifica-se com o objeto do desejo do outro, sendo assim não é um sujeito mas uma falta. O bebê, é, assim, apenas um prolongamento da mãe e não um sujeito. Nesse momento essa é uma forma, ainda que precária, do bebê sentir-se como uma unidade evoluindo de seu estado de corpo despedaçado.

Num momento seguinte, o pai intervém na relação dual, como privador, castrador. Ele frustra a criança de seu desejo e priva a mãe do objeto fálico. O pai estabelece a Lei onde separa a criança da mãe e castra a criança enquanto ser falus da mãe. Assim o pai reinstaura o falus como objeto desejado pela mãe e não mais como criança complemento de sua falta (criança-falus).

A castração é entendida como um processo onde se ins<sup>ta</sup> taura a Lei que limita e dá molde de como devem ser as rela<sup>ções</sup>. Neste processo a criança desprende-se do desejo da mãe, passa a assumir a sua falta, nomeando seu desejo e a ele renun<sup>ciando</sup>. Ingressa assim na ordem simbólica. Quando se diz Lei, está se referindo a regularidade que define as relações e não apenas a algo que esteja vinculado ao código moral.

No plano simbólico, o que é relevante na fase edípi<sup>ca</sup> são as operações que levam o sujeito a passar do nível bio<sup>lógico</sup> ao nível cultural. A fase edípica pode ser resumida co<sup>mo</sup> o momento em que a presença do Pai como função mediadora , atualiza a falta real até então ilusoriamente preenchida pela mãe, como função imediata que atende as insatisfações do sujei<sup>to</sup>. Essa passagem é estruturante e independe das normas so<sup>ciais</sup>. O que está em jogo no registro simbólico durante a fase edípica, são as funções, os lugares, as relações e não os per<sup>sonagens</sup> que a compõem (pai, mãe e filho).

O que é importante na fase edípica é a Lei, isto é , as operações simbólicas, e universais que a ela estão relacio<sup>nadas</sup>. Sendo que, universais não são os modos sociais que ope<sup>ram</sup> e atualizam essa Lei, mas a função de sepração entre uma relação "natural", imediata e uma outra mediata. Essa operação tem o nome de Castração.

A Castração é a Lei que possibilita a sustentação do desejo na ausência de uma completude absoluta. A Lei marca a presença da falta, a ausência da coisa. Vale a pena lembrar que

essa falta fundamental da coisa constitui o desejo enquanto movimento que presentifica no significante, a falta. O desejo se funda na ordem da Lei simbólica.

No complexo de castração é importante ressaltar o papel fundamental do falus. Na castração, o falus é o representante que designa a diferença sexual. Como tal, ele é a expressão de uma relação, ou melhor, ele é o que promove o processo de simbolização no sujeito. Antes da Castração, o lugar do sujeito era representado somente pelo desejo do outro, ou seja, o sujeito era o falus para a sua mãe. A partir da castração, o falus se evanesce como objeto mítico que preenchia o desejo da mãe, e passa a ser o significante que representa a falta. Nesse momento, o sujeito despreende-se do desejo da mãe e procura o seu próprio desejo.

É importante lembrar que Lacan entende o falus no sentido simbólico e não como o pênis real. Seu sentido simbólico para qualquer cultura é o da não-falta, aquele que preenche o vazio que é a condição de qualquer sujeito. O ser humano é marcado por um sofrimento de não ser completo, assim as sociedades vão organizar suas relações de amor e ódio em função de um modelo de posse ou não posse do falus. O falus toma um caráter simbólico e mítico.

## REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ NA MÃE: REFERENCIAL LACANIANO

Segundo Lacan o "desejo" e a "falta" são inerentes à constituição do sujeito. A tese Lacaniana é que o "desejo" é permanente, e seu objeto de satisfação desliza numa cadeia de significantes.

A inveja do pênis característica da estrutura feminina Freudiana pode ser entendida como um "estado de desejo não realizado", isto é, "um estado de desejo daquilo do qual se está privado"<sup>(1)</sup>. Através dessa linha de pensamento, exploramos a natureza do "desejo" e da "falta" específicos à condição feminina. Esta possibilidade nos leva a busca de conjuntos de significados próprios da mulher.

Diante da hipótese de que o desejo é permanente, e que o objeto de satisfação desliza numa cadeia de significantes, pode-se entender a equação simbólica Freudiana pênis-bebê como um rol de significados inerentes à condição feminina. Claramente este não é um conjunto completo, pois o sujeito está inexoravelmente, sempre marcado pela falta.

---

(1) TOROK, M. - O significado da Inveja do Pênis na Mulher - em A Sexualidade Feminina - Chasseguet e Smirgel - Ed.Vozes, Petrópolis, 1975.

### CAPÍTULO III

#### A REPRESENTAÇÃO DO BEBÊ E O DISCURSO QUE ANTECEDE O NASCIMENTO

O estudo da representação psíquica do bebê na mãe deve passar necessariamente pelos trabalhos de Piera Aulagnier sobre a estrutura psicótica.

Aulagnier analisou discursos antecipatórios de mães a respeito do futuro filho. Através dessas análises buscou compreender a estrutura psicótica.

Nosso estudo sobre a representação psíquica do bebê na mãe se beneficia dos desenvolvimentos de Aulagnier na medida que também utiliza a análise de discursos antecipatórios e levanta questões sobre o papel deste discurso na psique do bebê.

#### AS HIPÓTESES DE PIERA AULAGNIER

A experiência vivida, tanto pela mãe como pelo bebê, após o nascimento, é considerada apenas como um ponto de chegada, uma consequência de algo anterior, e não propriamente um ponto de partida.

O sujeito é marcado, mesmo antes de nascer, por uma história anterior a ele próprio. Essa história não se inicia

com ele; ela o precede e, possivelmente é determinante de sua história futura.

A história que precede ao sujeito e que ao mesmo tempo diz respeito a ele, tem origem no seu contexto familiar. O grupo ao qual pertencerá lhe confere, antecipadamente ao seu nascimento um lugar, ou melhor, um papel na cena familiar. Desta forma o sujeito torna-se um herdeiro de seu contexto.

"Todo sujeito se situa em um mito familiar: este mito, cuja importância pode ser demonstrada, pelo lugar que ele ocupará no fantasma fundamental, lhe confere na tragicomédia de sua vida, um papel que determina, antecipadamente as réplicas dos parceiros ." (Aulagnier, 1979).

O sujeito traz consigo, através da história familiar que o precede, um nome que é escolhido em função deste lugar que ocupará. Trata-se da primeira e mais importante ambiguidade imposta ao sujeito. Este início, chamado por Aulagnier de "mal entendido inicial e original", é a primeira condição para o sujeito poder se inserir no contexto social, tornando-se sujeito e não apenas uma concepção biológica.

"... falo aqui do nome pelo qual ele é chamado e não pelo nome legal: nomeando-o, o que designa é quem é projetado sobre ele enquanto herdeiro significante , é por esta via indireta que lhe é conferido seu primeiro lugar no plano relacional." (Aulagnier, 1979).

"Ora, são estas 'réplicas do Outro', este discurso

que começa por ser dirigido não para ele mas para o personagem que ele encarna na cena familiar, que o constituirá como sujeito." (Aulagnier, 1979).

Assim, o sujeito mesmo antes de nascer já está marcado por um papel a cumprir na cena familiar. É pelo discurso que antecede ao seu nascimento que lhe é dado um lugar no mundo, e é na sua escuta que podemos detetar qual é esse lugar. O desejo é condutor desse discurso.

"Dizemos frequentemente, e com razão, que a vinda do sujeito ao mundo é precedida pelo discurso que fala desse futuro nascimento. Este discurso lhe designa uma significação (e um lugar) dando-lhe acesso a esta ordem do humano, cujo senhor continua sendo a força interpretativa do desejo." (Aulagnier, 1979).

A relação mãe-bebê também já existe muito antes do nascimento propriamente dito. Já no início da gravidez instaura-se uma relação imaginária que diz respeito à maneira como o bebê está representado no inconsciente materno. Na verdade, essa representação já existe no inconsciente materno (enquanto objeto de seu desejo) muito antes da gravidez.

Na escuta do discurso da mulher sobre sua gravidez e do seu bebê é possível a compreensão dessa representação. Para as mães o bebê não é representado pela forma biológica como é na realidade (um embrião em desenvolvimento), e sim como um corpo já completo, unificado e dotado de atributos de um sujeito já inserido em um contexto familiar. A essa representação do



bebê, a autora dá o nome de "corpo imaginado"<sup>(1)</sup>.

Os fantasmas da mãe, a maneira como o bebê é desejado por ela, auxiliam a caracterização do "corpo imaginado". É sobre esta imagem criada do bebê, que funciona como o suporte imaginário do embrião, que a mãe investe sua libido. Essa imagem criada do bebê é tão intensa que se superpõe a criança desde a gestação até futuramente quando nascer. Na gestação essa superposição é possível de ser observada através da escuta do discurso antecipatório ao nascimento feito pela mãe. Quando a criança nasce observamos esse aspecto através das interpretações que a mãe dá aos atos do bebê. Não devemos esquecer que para a autora, o que ocorre depois do nascimento é uma decorrência do que já existia ao nível do imaginário.

A interpretação dada pela mãe aos atos do bebê, são considerados como uma violência; mesmo que esse processo seja importante para fazer do bebê um sujeito. Fala-se de uma violência pois é nesse processo que é delegado à mãe um onipoder interpretativo. Pelo lado do bebê, o que ocorre é que os significantes voltam a ele com aquele sentido dado pela mãe. O sentido, percebido pelo bebê está remetido ao desejo inconsciente da mãe.

---

(1) A mãe do psicótico é impossibilitada de fazer uma representação imaginária do bebê. Assim, o "corpo imaginado" é algo que não existe para ela. O bebê é vivido pela mãe como ele realmente é, ou seja, um embrião em desenvolvimento. A mãe não tem possibilidade de simbolizá-lo. Para ela o bebê é apenas um significante corporal.

"Que a interpretação (de que a mãe é o primeiro agente) seja a violência inicial (para sempre indelével), imposta ao sujeito e à sua liberdade, é uma evidência; mas, igualmente evidente aparece o que tal violência tem de necessário para que o grito venha a ser apelo, e não simples ruído, o sorriso signo de amor e não simples jogo de músculos, a amamentação de sejo de dar vida e não pura oferta de calorias.

Segue-se que esta interpretação vai fazer de uma série 'de Atos' do bebê, os equivalentes de uma série de significantes que a mãe religará aos significados escolhidos em nome do saber adivinhatório que ela pensa ter sobre o desejo do bebê." (Aulagnier, 1979).

O que testemunha no nível imaginário a relação mater no-infantil é o fato da mãe poder simbolizar seu discurso em torno de um significante (bebê). Neste seu processo de simbolizar permeia a ordem do humano que ela também está inserida, ordem esta, que independe e preexiste a ela, mas que no entanto passa para o bebê<sup>(2)</sup>. Assim, a possibilidade da criança se inserir ao contexto sócio-cultural está vinculado a primeira inserção do bebê no imaginário materno.

Aulagnier chama de "dimensão histórica maternal" ao que é simbolizado pela mãe e que é a condição *sine qua non* para que o bebê seja inserido no contexto social.

---

(2) A não possibilidade de simbolização da mãe do psicótico, se deve por: sua ausência de história, sua má inserção simbólica, isto é, sua exclusão na ordem da Lei. É então ao nível da representação do bebê na mãe e a conseqüente relação materno infantil, que se concretiza essas limitações da mãe. O bebê funciona como um anteparo que acolhe esses traços maternos.

"O que se poderia chamar 'a dimensão histórica maternal' é indispensável para que o sujeito seja por sua vez reconhecido como um elo vindo se inserir na cadeia significante da qual ele é o fim, e cuja sequência tem que garantir."

Do ponto de vista da economia libidinal, Aulagnier a firma que o primeiro investimento libidinal da mãe é sobre a imagem criada do bebê: o corpo imaginado. Esse investimento libidinal, revela-se como um acréscimo de seu próprio narcisismo e assim o parto é vivido como um luto.<sup>(3)</sup>

#### A REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ NA MÃE: REFERENCIAL DE AULAGNIER

Algumas das interpretações de Pierâ Aulagnier sobre o discurso antecipatório da mãe grávida se relacionam diretamente com esse trabalho. A análise dos casos que se segue se beneficia das seguintes hipóteses:

- . O sujeito é marcado mesmo antes de nascer, por uma história anterior a ele próprio;

---

(3) No caso da psicose, o bebê é vivido pela mãe como um embrião que absorve suas substâncias lhe assegurando, assim, a confirmação de sua onipotência, de única criadora. A libido investida na criança é revertida para a própria mãe no sentido de reforçar sua onipotência. O bebê é apenas um prolongamento do narcisismo materno. O parto, nesses casos, não é reconhecido pela mãe como uma experiência de luto, pois as levaria à psicose puerperal. A forma de evitar esse sofrimento é dar ao bebê apenas a função de testemunha de sua onipotência maternal.

- . É pelo discurso que antecede ao nascimento que é dado ao bebê um lugar no mundo;
- . É na escuta desse discurso que podemos compreender qual é esse lugar;
- . No início da gravidez instala-se uma "relação imaginária" entre a mãe e o futuro bebê que está relacionado com a maneira com que ele está representado no inconsciente materno;
- . Na "relação imaginária", o bebê não é representado pela sua forma biológica como o é na realidade (um embrião em desenvolvimento), e sim como um corpo já completo unificado e dotado de atributos de um sujeito, já inserido num contexto familiar;
- . No processo de simbolização da mãe a respeito do bebê permeia a ordem do humano, na qual ela também está inserida. Ordem esta que independe e preexiste a ela, mas que, no entanto, passa para o bebê.

## CAPÍTULO IV

### ESTUDO DE CASOS

Este capítulo apresenta o trabalho de pesquisa onde foram estudados seis casos. A primeira seção elucida a metodologia adotada e a segunda apresenta e discute cada um dos casos levantados.

#### 1. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa foi construída a partir do objetivo deste trabalho de estudar a representação do filho para a mulher e da possibilidade existente de detectar esta representação no discurso. Assim, decidiu-se por analisar o discurso de mulheres grávidas que, em princípio, neste momento poderiam estar transparecendo mais intensamente esta questão nas suas falas.

Estabeleceu-se, que seriam analisados os discursos de 6 mulheres a serem observados em entrevistas pessoais. Essas entrevistas adotaram um roteiro comum. As mulheres entrevistadas foram escolhidas sem a preocupação de obter um determinado perfil; apenas todas elas estavam com quatro ou mais meses de gestação e, duas esperando o primeiro filho, duas esperando o segundo e duas na gestação do terceiro filho. Esta

estratificação poderia enfocar diferenças na representação em função da vivência da maternidade.

O roteiro da entrevista consta de seis perguntas. Estas perguntas tinham apenas o objetivo de estimular as participantes a falarem sobre sua gravidez, seu bebê, sua família de origem e sua família atual. O mais importante nessas entrevistas foi detectar a maneira como essas mulheres se expressavam a respeito desses três pontos, e não verificar se elas se enquadravam ou não nessa ou naquela condição. Isto significa que através do roteiro não estávamos procurando um tipo de resposta já pré-determinada por nós.

O roteiro da entrevista funcionou como um referencial para o entrevistador, no sentido de facilitar um "bate-papo" com as participantes. Assim, por várias vezes as entrevistas não se limitavam às respostas dessas perguntas. As perguntas básicas eram as seguintes:

- . Como foi a decisão de engravidar?
- . Como está sendo a gravidez para você e para o resto dos familiares?
- . No caso de mães já com outros filhos, qual a diferença desta e da outra gravidez?
- . Como esta sendo feita a escolha do nome para o bebê?
- . Qual a preferência do sexo da criança?

. Fale sobre a sua história e da sua família de origem.

Todas as entrevistas foram pessoais, marcadas com antecedência e gravadas na íntegra com permissão das participantes. O Anexo apresenta, a título de exemplo, a transcrição completa de uma das entrevistas.

## 2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

### MÃE "A"

(35 anos, primeiro filho, oitavo mês de gravidez).

#### RELATO

A mãe "A" conta que resolveu ficar grávida pois sempre foi algo que quis. Casada há 5 anos, mas o casal não queria filhos. Sentia que não estava preparada para tal coisa.

"Resolvi, porque realmente queria, era uma das coisas que eu mais queria independente de qualquer outra."

"A" fala sobre seu "estado de graça" por estar grávida e como se sente bem de saúde, mais bonita e disposta:

"As coisas mudam muito, a gravidez é um estado de graça. Estou passando muito bem, inclusive de saúde mesmo. Eu sempre tive problemas de dor de cabeça; enxaqueca não tenho mais! Estou grávida e passou tudo! A pele fica ótima, meu cabelo fica melhor. Fica tudo melhor; você sente mais disposição para as coisas."

Inicialmente seu marido não aceitou a gravidez assustando-se muito com a responsabilidade financeira que teria que assumir com um novo membro na família. Conta que seu marido ficou muito tempo desempregado e que a responsabilidade de um filho assustou. Atualmente encontra-se mais envolvido com sua gravidez e até interessando-se muito por isso.



Segundo "A", a fase mais difícil de relacionamento com seu marido, por causa da gravidez, já passou. Hoje, é algo curtido pelos dois.

Inicialmente, além das dificuldades que teve com o marido, ficou muito preocupada com o bebê pois sabe que primeira gravidez após 35 anos de idade é um risco. No entanto isso não a preocupa mais pois sabe que está tudo bem.

"A" prefere ter um filho do sexo masculino e seu marido também. Quanto ao nome disse ainda não ter uma escolha pois há muitas variedades.

"A" prefere menino, pois, segundo ela, é mais companheiro da mãe, já a menina não:

"Eu acho que homem, depois que ele começa a te entender e a participar com você, eu acho que o homem é mais companheiro da mãe."

"... então eu acho que o homem, acata mais as coisas da mãe. Ele compreende até mais, por exemplo no caso de um mau relacionamento com o pai. Até mesmo pode ser companheiro, por exemplo se a mãe quer ir num lugar e não quer ir sozinha, e o pai não quer ir, até o filho vai".

"... mas eu acho que o filho é sempre ligado a mãe. Acho que é por isso que há mais afinidade da mãe com o filho homem."

Com relação a menina como filha "A" pensa que é próxima da mãe mas não tanto quanto o filho homem pois ela tende a ter uma vida mais independente e desligada da mãe.

"Tem muita mulher que é amiga da mãe, mas eu acho que como ela vai ter aquela experiência toda, vai crescer, vai ter namorado, um marido, então vai ter os mesmos problemas que a gente tem dentro de um relacionamento."

"A" fala muito sobre suas expectativas com relação ao filho que vai nascer:

"... Não faço questão que seja bonito de olhos azuis, mas que saiba enfrentar a vida. Espero que depois que ele nasça, o casal se una mais. Acho que até aqueles choques com o marido, diferenças que são normais e tem que ter se não vira monotonia, e que você gostaria que ele pensasse diferente, nesse ponto acho que pode mudar muito. Acho que tem pontos de vista que ele é um pouco turrão, pensa de uma maneira errada em relação ao mundo que está aí, que não é assim como ele quer. Então de repente o filho pode mostrar a ele que as coisas não são assim."

"A" é filha mais velha e tem mais um irmão. Sua família é muito pequena, o que a frustra muito. Sua mãe e seu pai atualmente não têm irmãos. "A" tem maior afinidade com o pai, no entanto admite que determinados assuntos só fala com a mãe. Descreve seu pai como uma pessoa que estudou e trabalha muito. A mãe é descrita como sendo uma mulher sem estudo algum e que nunca aprendeu a se virar sozinha, tornando-se uma mulher completamente dependente do pai.

"... em termos gerais eu sou mais ligada a meu pai do que minha mãe. Ele tem um nível social melhor que o da minha mãe; ela não estudou, não sabe ler e escrever; o que ela sabe é dos anos que ela vai escutando, lendo. Com meu pai é diferente, ele já estudou mais e trabalhou cedo, ele lê muito, ele é até mais do que

eu, mais estudado. Assim eu pude ter mais abertura numa parte com ele; então ele já via as coisas mais rapidamente que minha mãe."

"A" finaliza sua entrevista dizendo que deseja ter um casal de filhos; acha esse número ideal. Prefere um casal pois "você consegue ter 2 maneiras de criar, ver, orientar para os dois sexos".

Falou também do desejo do marido de voltar para a cidade onde nasceu, onde atualmente moram os seus familiares, pois quer ter o filho lá. Pensa que será mais fácil de criar o bebê e ao mesmo tempo mais saudável para ele.

"... ele já está fazendo projetos, querendo sair do Rio de Janeiro pois é uma cidade horrível para criar filhos e eu também acho. Ele estava querendo até voltar às origens, porque você tem condições de vida melhor. Teu salário vai duplicar, mesmo que ganhe o mesmo que ganha aqui, o teu salário aparece porque mora em casa e tem conforto, a criança respira um ar mais puro, porque não tem ônibus, é ônibus elétrico. Os carros são poucos, as ruas asfaltadas, não tem buraco, vida boa e barata."

#### DISCUSSÃO

"A Gravidez é um estado de Graça"

O que estaria significando o "estado de graça"? Poderíamos entender que é algo que a faz sentir muito bem que a

deixa num bom estado de espírito. No "estado de graça" não há perturbações, inclusive pode ser entendido como um estado de agradecimento por algo bom e muito querido que aconteceu. Para ela esta gravidez "... era uma das coisas que mais queria independente de qualquer outra". Por isso, seus problemas de saúde desapareceram, sente-se disposta para realizar coisas, inclusive se sente mais bonita fisicamente. "Estou grávida e passou tudo".

Essa mãe vive essa gravidez sentindo-se muito completa pois "era uma das coisas que mais queria independente de qualquer outra". Se era algo que mais queria, era algo que faltava e que agora não falta mais. Para esta mãe, o filho era o grande desejo que neste momento a deixa preenchida.

É esse filho que aproximará o casal e mudará as concepções que o marido tem do mundo e que provoca o atrito entre eles. "Acho que tem pontos de vista que ele é um pouco turrão, pensa de maneira errada ... , então de repente o filho pode mostrar a ele que as coisas não são assim". Virá preencher também todas as faltas deixadas pelo marido, " ... se a mãe quer ir num lugar e não quer ir sózinha e o pai não quer ir, até o filho vai".

Para "A" todos os seus problemas estarão resolvidos com o nascimento do filho. "Espero que depois que ele nascer, o casal se una mais. Acho que até aqueles choques com o marido, as diferenças que são normais e tem que ter se não vira monotonia, e que você gostaria que ele pensasse diferente ,

nesse ponto, acho que pode mudar muito".

Na fantasia dessa mãe esse filho já tem um papel a cumprir na família: o de unir o casal e acabar com as diferenças. Assim, esse bebê, já existe e tem uma função pré-determinada.

"O filho homem é mais companheiro da mãe". "A" prefere que seu filho seja homem. Sente que todo filho do sexo masculino completa mais a mãe pois o relacionamento é melhor. Segundo o próprio Freud, a felicidade da mulher é muito mais intensa quando se torna realizado o desejo de ter um bebê, "especialmente assim se dá se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado"<sup>(1)</sup>.

Quando ela fala de sua preferência por menino, devido ao relacionamento ser mais integrado, está falando também de como a relação da menina com a mãe é mais complicada. Ela tem como modelo seu próprio relacionamento com a mãe. "Menina vai crescer, vai ter namorado, um marido, vai ter os mesmos problemas que a gente tem dentro do relacionamento".

"A" sabe que caso nasça menina terá os mesmos problemas que teve com sua mãe. É interessante que no seu discurso "A" fala de sua mãe de maneira desvalorizada. Em contrapartida, seu pai é visto, por ela, com muita admiração: "Ele é até mais do que eu".

<sup>(1)</sup> FREUD, S. "Feminilidade" (1933) em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

Por fim, podemos dizer que "A" está num estado de idealização onde aparece tanto em relação a expectativa do filho que vai nascer, como também quando se refere à cidade que deseja morar quando o filho nascer - deseja um lugar perfeito onde "teu salário vai duplicar", "não tem ônibus, só elétrico", as ruas são asfaltadas sem buraco" e "vida boa e barata".

## MÃE "B"

(25 anos, primeiro filho, quarto mês de gravidez).

### RELATO

A Mãe "B" conta que resolveu engravidar não sabendo explicar muito bem: "nem sei te dizer porquê". No entanto sem pre achou que seria algo bom de ser vivido. Engravidou a primeira vez e abortou sem sentir com dois meses, isto é, voltou a ter hemorragias muito tempo após o aborto. Segundo ela, "seu corpo absorveu tudo". Ficou muito receosa até decidir engravidar novamente. No início desta sua gravidez sentiu-se muito insegura e ao mesmo tempo "baratinada" pois tinha medo de abortar novamente. Logo essa fase foi superada:

"Agora me sinto completamente segura que já estou ; Estou me sentindo bem, estou sentindo todas as coisas que toda grávida sente..."

Com relação ao bebê "B", prefere que seja uma menina e atribui esse desejo a sua própria história.

"... acho até que é por causa das minhas histórias, que meu pai queria homem e eu nasci mulher".

Mais adiante na entrevista ressalta:

"... ele queria de qualquer jeito um filho homem".

Conta que "seu pai teve" primeiro duas filhas e de-

pois, por último um filho homem; "B" é a filha do meio.

Apesar da preferência por uma menina, "B" ainda não fez uma escolha definitiva de nome caso nasça menina. "B" diz:

"mulher é o que eu sei menos..."

No caso de nascer menino o nome já está escolhido pois o marido já escolheu. Será o nome do avô ou do tio de seu marido pois "eram pessoas que ele gostava muito e que já morreram".

"B" relata que sonha muito com seu bebê e fica imaginando principalmente como será fisicamente o seu filho e com quem será mais parecido. "B" juntou fotos suas e do marido, de quando eram crianças, para poder melhor imaginar seu bebê.

"Eu fico pensando em duas coisas: se for uma pessoa igualzinha a mim. Será que eu vou aceitar as coisas que eu não gosto em mim? E se for um filho parecido com meu marido e tiver as coisas que ele tem e que eu não gosto nele e aí eu fico pensando como vai ser."

Prosseguindo a conversa "B" acrescenta:

"O que eu imagino mais é o que ele pode ser fisicamente, acho que essa é a minha maior curiosidade".



"B" sente-se grávida todo o tempo e faz uma comparação da gravidez para o homem e para a mulher. Esse é um ponto que a preocupa muito.

"Eu acho que mãe imagina mais que pai. Eu não consigo esquecer quase que o dia inteiro que eu estou grávida."

"... é engraçado que no homem deve ser muito diferente gravidez. Deve ser uma coisa engraçada porque na mulher está em você, então você fica todo o tempo pensando; e nele não está, então fico pensando como deve ser. Às vezes eu pergunto para ele, e ele fala que não sente muito. É uma coisa que quem está grávida é você e não ele. Mesmo que ele esteja com você, mas é você. É uma coisa até que você se separa um pouco porque você está ... igual bicho mesmo, tipo se preparando para uma coisa que ele não está."

Com relação à sua história familiar "B" conta que é filha do meio e tem uma irmã mais velha e outro irmão mais novo. Seu pai sempre teve preferência por filho homem e foi muito frustrado quando nasceram as suas duas primeiras filhas mulheres. Ela conta a história de seu avô paterno:

"Meu pai conta com orgulho que meu avô, quando minha mãe foi para a maternidade, falou para ele que: se for homem me liga avisando, se for menina nem precisa me ligar."

"B" relata também outro episódio que seu pai insiste em contar:

"... e aí ele conta toda hora que quando eu era pequena, e quando meu irmão nasceu, que um dia eu fui lá no berço dele e mordi o dedo dele com uma força que se ele não chegasse eu ia arrancar o dedo dele."

"B" sente que até hoje seu pai tem preferência pelo filho homem embora ela saiba que ele gosta muito dela.

"... mas meu pai demonstra isso até hoje. Acho que eles nunca vão deixar de demonstrar isso. Ele adora a gente, eu sei e sinto, mas aquele filho que vai ... é o meu irmão".

Atualmente sua família tem um bom relacionamento por que "chegou todo mundo no ponto que aprendeu a respeitar um ao outro".

Com relação a sua mãe "B" ainda sente alguns problemas. Relata que na hora de ter o bebê gostaria que seu marido e sua mãe estivessem próximos dela.

"Eu quero que meu marido vá à sala de parto comigo . Eu gostaria um pouco da minha mãe, mas a minha mãe é ... só se ela fosse mais ... quer dizer, eu não tenho uma transa boa com ela; então só quando aquela coisa que quando você quer a mamãezinha do lado e tal".

Com relação ao pai, atualmente se sente mais próxima a ele, sente que depois que ficou grávida ele se interesse mais por ela.

"Ele agora me telefona todos os dias para saber como estou passando."

A respeito da família do marido, "B" relata que são todos filhos homens e que seu sogro sempre quis uma filha mulher e nunca veio. Seu sogro sempre sonhou em ter uma filha para poder botar o nome de sua mãe. Como nunca teve, hoje torce para que o bebê seja uma menina.

### DISCUSSÃO

Esta é uma entrevista que aponta para aspectos da identidade feminina de "B". A gravidez parece remetê-la a conflitos com relação à sua identidade de mulher.

Inicialmente a entrevista está marcada por expressões relativas à sua gravidez como: "não sei te dizer", "sei lá porque queria", "não sei a gente tinha vontade", "no começo fiquei baratinada", e mais adiante, com relação ao nome do bebê, relata que "mulher é o que eu sei menos".

"B" não sabe o que está ocorrendo com ela própria, pouco sabe sobre sua gravidez e sobre seu ser mulher. Este fato de estar grávida a deixa "baratinada", assim como uma barata: tonta e confusa. Quando "B" diz "mulher é o que eu sei menos" está mostrando como sabe pouco sobre sua feminilidade.

Durante a entrevista, "B" se apega a assuntos que

tratam basicamente da diferença entre o homem e mulher. Primeiramente relata sobre como está percebendo que o significado da gravidez para o homem é totalmente diferente do que para a mulher. Segundo suas próprias palavras "é engraçado que no homem é muito diferente gravidez ... na mulher está em você, ... e nele não está". O que é sentido como engraçado é o fato de estar descobrindo a diferença da experiência masculina e feminina pois "no homem é diferente", e "na mulher está em você".

Como já falamos, o assunto masculino-feminino chama muito a atenção dessa mãe. O tema é trazido de diferentes maneiras e uma delas é quando fala de seus receios quanto à criança que vai nascer. Fala de características suas e do marido que gosta e que não gosta. Preocupa-se com a aceitação que terá ou não da criança em função dessas características. "Fico imaginando como será fisicamente" essa é a sua maior preocupação pois em função disso aceitará ou não a criança. "Será que vou aceitar as coisas que eu não gosto em mim" "e se tiver as coisas que ele (marido) tem que não gosto". De que "coisas" ela está falando? Seriam das "coisas" físicas que diferenciam ela do marido?

A história de família que relata também está referenciada à diferença entre homem e mulher e às conseqüentes preferências da família. Seu pai, "ele queria de qualquer jeito um filho homem". Seu avô paterno, "falou para ele (seu pai) que se for um homem me liga avisando e se for menina nem precisa me ligar". "B" está falando como se sente desvalorizada por ser mulher. Agora, grávida descobre seu valor pois agora seu pai ,

"... telefona todos os dias para saber como estou passando".

Essa futura mãe vive uma recuperação da sua identidade de mulher. Estaria ela, nesse momento, tendo a possibilidade de seguir o caminho da feminilidade? Segundo Freud, é através da mudança do desejo do pênis para o bebê que a mulher tem a possibilidade de percorrer esse caminho.

A diferença homem-mulher marca também a forma de contar a própria história. Querer um pênis para tomar o lugar do irmão e ter a preferência do pai, era o seu desejo. Hoje esse desejo foi transformado em ter um bebê e por isso ter preferência do pai. "B" vive então um momento de grande completude pois hoje tem o interesse do pai, pois "ele me telefona todos os dias para saber como estou passando".

A imagem que "B" tem do feminino é retratada no fragmento de sua entrevista onde fala de sua mãe: "... minha mãe é ... só se ela fosse mais ... quer dizer eu não tenho uma boa transa com ela;" "B" teria uma transa boa com a mãe se "ela fosse mais ..." mas "como ela é ..." (menos?) sua transa não é boa. Poderíamos dizer que "B" clama por um "falus" para que a sua transa seja boa com a mãe. Poderíamos dizer que esse falus seria o pênis que é ausente na mãe, impedindo-a de ser "mais" e que marca a diferença homem-mulher, á qual todo tempo da entrevista "B" se refere.

"B" deseja uma filha mulher e como ela própria diz "é por causa das minhas histórias que meu pai queria homem e

eu nasci mulher". Tudo indica que o desejo por uma filha mulher seria para que ela possa continuar se resgatando, através do bebê, a sua própria feminilidade.

"B" deseja que a sua história não se repita com o futuro bebê. É interessante, que nesse sentido, ela casa com alguém cujo pai sempre teve o desejo de ter filhas mulheres, para dar o nome da mãe. Agora, a história é diferente da história de "B", existe um desejo pela mulher.

MÃE "C"

(30 anos, segundo filho, primeiro filho menino com 4 anos, oitavo mês de gravidez).

RELATO

Com relação à decisão de ter o segundo filho, "C" responde que sempre quis ter dois filhos mesmo antes de se casar. Considera que ter um filho só é um problema para a mãe e para a própria criança.

"Eu decidi por dois filhos desde ... acho que já estava decidido desde antes de casar".

"Realmente um filho só é muito difícil em todos os sentidos, para a gente e para a criança; ... sabe, então eu achava que, quer dizer como eu já tinha decidido por um segundo filho, antes eu não sabia nem porque da decisão mas agora a gente pode até dizer que realmente uma criança só ... é um caos. A gente se apega muito à criança, a criança se apega muito também, tudo é dela apesar da gente, aqui em casa pelo menos, eu sempre tive muito cuidado de não ter aquele excesso de zelo aquela coisa toda e sempre mostrando que era dele mas que tinha que dividir as coisas; mas não adianta, por mais que a gente faça realmente as coisas acabam acontecendo porque era só ele mesmo né! Quer dizer a decisão ficou ainda mais forte por causa disso".

"C" demonstra também, com relação à gravidez, uma preocupação com a diferença de idade entre o bebê que vai nascer e o filho. Ela diz que a diferença entre eles, que será de 4 anos, é muito grande. Sente-se ansiosa, pois não sabe como isso poderia interferir no relacionamento das crianças.

"Eu queria ter tido rápido porque agora vai fazer uma diferença grande, meu filho vai fazer 4 anos em julho e o nenem nasce no início de julho, finalzinho de junho. Vai ter uma diferença de 4 anos; eu não sei nem como vai acontecer essa diferença, se isso vai trazer algum problema, se vai correr tudo bem ..."

Sua preocupação está também voltada para como o irmão irá receber o novo membro na casa, visto que ele sempre foi o único:

"No início a gente dizia que nenen ia ficar no quarto dele e ele dizia que no quarto dele não: 'o nenen vai dormir na sua cama mamãe'. Agora não, ele já diz que o nenen vai dormir no quarto dele e que ele vai tomar conta do nenen para não fazer besteira. Já aceitou a idéia que o nenen vai ficar no quarto dele. Agora só resta saber o que é que vai acontecer."

Com relação à gravidez, "C" diz se sente muito bem apesar de sempre engordar muito nesta fase. Curte estar grávida e se sente muito bem principalmente porque sente que chama a atenção de outros. Disse gostar muito de sua barriga grávida e por isso gosta de mostrá-la na praia. Fica apenas chateada quando tudo isso passa e tudo volta a ser como antes.

"Eu me sinto muito bem apesar dessa transformação no corpo".

"Eu acho que na gravidez a gente fica assim tipo, como é que fala, a gente fica em evidência."



"Eu estou vivendo na segunda e vivi na primeira gravidez uns dos melhores momentos de minha vida, mesmo a gente com essa transformação de corpo todinha mas eu acho que a barriga é uma coisa bonita, a gente acaba querendo botar para o lado de fora mesmo, num biquine. Na praia fica todo mundo olhando porque é bonito. Também, depois que o bebê sai a barriga fica triste, na hora que ele está aqui ela fica bonita, né! A minha pelo menos ficou horrorosa ... mas depois que a barriga está com outro nenem está bonita de novo".

"C" manifesta um desejo de ter uma menina, pois já tem um filho homem. Conta de sua apreensão e decepção ao fazer a ultrassonografia no quinto mês de gravidez onde disse não ter gostado do exame pois o médico disse-lhe que era menino:

"Quando nós saímos do laboratório para esperar o diagnóstico desandei a chorar ... Eu não sei se eu não queria que ele me dissesse que era um outro menino, sei lá, alguma coisa desse tipo."

"C" fala de seu alívio quando repete o exame em outro laboratório e o médico lhe diz da impossibilidade de saber o sexo da criança, naquele momento.

Embora dê preferência a uma menina considera o menino e pensa sobre o nome, escolhendo "Gabriel" que segundo ela:

"seu significado é muito bonito pois é o anjo enviado de Deus".

Com relação ao nome da menina disse não estar definido pois:

"Na primeira gestação queríamos Mariana, aí de repente fiquei enjoada desse nome de tanto que a gente falou e não nasceu."

Com relação a sua própria história de vida, "C" conta que é a segunda filha entre oito irmãos (cinco mulheres e três homens). Conta que quando nasceu, a sua irmã mais velha dizia que ela ("C") era culpada por não ser mais a filha única que foi durante seis anos. "Às vezes eu até fico assim, será que o meu filho vai ter a mesma reação ..."

"C" conta que sentia-se culpada, ou melhor, responsável pela irmã não ser mais filha única. "Minha irmã dizia você é culpada por eu não ser mais filha única". Conta que sempre brigavam muito até pouco tempo antes das duas se casarem e que começaram a se entender melhor agora.

Conta que foi por causa da diferença de idade entre ela e os irmãos é que ficou sozinha.

"Praticamente por causa da diferença de idade fiquei meio sozinha eu procurava sempre nas amigas uma convivência de irmãs. Porque a minha irmã era mais velha que eu ...".

"C" ao finalizar a entrevista, relata sua história apontando para sua forma de agir com as pessoas de sua família:

"Sempre fiquei naquele lugar de tentar conciliar as coisas".

"Se tinha algum furo eu estava sempre tentando tampar aquele furo, sempre mais caseira e ajudando mais a mamãe."

### DISCUSSÃO

Nesta entrevista "C" fala de como seu relacionamento com o primeiro filho é sentido como muito confuso, onde ela própria se sente misturada emocionalmente com a criança. "A gente se apega muito a criança, a criança se apega muito também". Os dois estão "apegados". Ela afirma em vários momentos que "um filho só é um caos". A relação está um caos.

Essa mãe relata seu esforço no sentido de mudar este relacionamento, no entanto, sente que é muito difícil dela mesma sozinha fazer qualquer alteração: "Por mais que a gente faça as coisas acabam acontecendo porque era só ele mesmo."

O desejo de um segundo filho vem, para ela, muito em função desse seu momento com o primeiro. "C" afirma na entrevista que a decisão do segundo filho já existia mas "ficou ainda muito mais forte por causa disso".

Podemos entender que uma função está sendo atribuída ao segundo filho. Ele é aquele que vem ajudá-la a sair do "apego" com o filho e ensinar o irmão a "dividir as coisas".

Esta mãe atribui ao bebê uma função muito semelhante à que ela própria teve quando criança. "C" também foi segunda filha e "intrusa" entre a mãe e a irmã mais velha. Esse fato fez com que o relacionamento entre elas fosse muito difícil.

"C" preocupa-se com o futuro relacionamento entre os filhos, receia que seja tão difícil quanto o que viveu quando criança com sua irmã mais velha.

Ela não quer que a sua história seja repetida com os seus filhos; mas é curioso que no seu discurso atribui ao seu segundo filho o mesmo papel que ela teve dentro da sua família.

Essa mãe se sente muito alegre quando está grávida, pois tem a possibilidade de viver "os melhores momentos da vida". Nessa fase, "fica em evidência" e "a barriga fica bonita". Depois de ter o nenem, a barriga fica "triste" e "horrorosa".

"C" está falando de um ciclo de alegria e tristeza onde no momento da gravidez ela aparece, "fica em evidência", e depois, quando tem o bebê, sai desse estado e "fica triste".

## MÃE "D"

(28 anos, segundo filho, primeiro filho menino com 3 anos, oitavo mês de gravidez).

### RELATO

Com relação à decisão de ter o segundo filho "D" conta que demorou para engravidar 6 meses. Disse que sempre quis ter outro filho pois o seu primeiro é muito agarrado com ela desde que nasceu. Disse que o casal achava importante mais um filho para que o primeiro aprendesse a dividir.

"... Desde que F. (primeiro filho) nasceu ele foi super agarrado comigo; ele é do tipo que se me ver fazendo alguma coisa ele não deixa, é hiper agarrado comigo. A gente achava que devia ter outro filho, principalmente para ele poder dividir".

"D" comenta como sua relação com o filho é muito agarrada e que sua vida acaba girando em torno dos desejos e necessidades do primeiro filho.

"Todas as noites às 4:30 hs ele vem para minha cama. Chova ou faça sol ele está lá. Ele me faz abrir o braço, e deita no meu ombro entre eu e meu marido, e eu não posso fazer mais nada, nem dar uma mexida se não ele acorda."

"Eu sinto muita vontade de ficar com ele mas acontece que para ele não é bom e nem para mim. Para mim porque eu tenho que fazer as minhas coisas e para ele porque ele tem que ter a vida dele; já pensou eu ficar o tempo todo grudada no rabo dele; quando ele crescer eu vou me tornar uma mãe chata e eu não quero isso nunca!"

Explica que esse relacionamento tão agarrado é o que a fez pensar no segundo filho. Com relação ao episódio de seu filho ir todas as noites para sua cama "D" comenta.

"... Esse é um dos motivos para ter o segundo filho, também porque eu não queria ter um filho só. Acho que um filho só é egoísmo. É egoísmo com a criança e com a gente. Quer dizer, na gente a gente não pensa, mas principalmente com a criança quando ela for adulta. Já pensou quando ele for adulto e quiser sair e fica aquela coisa..."

"D" relaciona a história de filho único com a história de seu pai que também é filho único e que se preocupa muito com sua mãe, ficando uma relação também muito agarrada.

"Eu vejo meu pai que é filho único, a preocupação que ele tem com a minha avó é impressionante, então eu não queria nunca que meu filho fosse assim. Fica uma coisa muito doentia!"

"D" gostaria de ter quatro filhos mas como não pode pretende ter três. Justificou que seu primeiro parto foi cesárea e que portanto "seu médico não arrisca" pois poderia ter uma ruptura de útero. Explicou que pelo fato de "não poder fazer força" acaba fazendo cesárea.

"Quero quatro mais não posso, então vou ter três porque o primeiro foi cesárea e o meu médico não faz quatro cesáreas. Ele não deixa ter quatro gravidez porque pode ter uma ruptura de útero. Meu médico não arrisca".

Com relação à preferência do sexo da criança diz que

não tem preferência pois filho é algo muito bom, que tanto faz o sexo. No entanto sabe que seu marido prefere uma menima, desde o primeiro filho ele sempre quis uma menima embora nunca tivesse dito claramente.

Conta que no primeiro filho, seu marido queria uma menina e que ela se influenciou e escolheu nome de menima. Mas para esse nenen continua com o nome já escolhido para o primeiro, Natália.

"D" fala sobre esse nome referenciando-se sempre ao nome do avô paterno que chama-se Natan.

Com relação a sua gravidez relata adorar estar grávida pois, pelo fato de ser muito gorda, a gravidez a emagrece.

"... com essa gravidez eu já emagreci 3 Kg, quer dizer quando sair o nenen eu vou ter emagrecido".

"Nessa gravidez eu emagreci 3 Kg e deve sair mais uns 5 e ao todo deve ser 8",

"D" gosta de estar grávida principalmente por pensar no futuro bebê, adora bebês e cuidar de crianças.

Ainda com relação à segunda gravidez relata que não imagina nada desse bebê e compara com a primeira gravidez que imaginava muito mais.

"Quando eu estava grávida do primeiro filho acho que por ser primeiro a gente imagina mais; o segundo a gente já sabe como que é. Aí a ansiedade também é menor".

Com relação a sua história familiar "D" conta que é a segunda filha entre três. A primeira é mulher e o último homem. Percebe que filho do meio não é uma coisa boa pois não tem uma posição definida, está sempre sozinha e levando a pior nas brigas familiares.

"Sou filha do meio e é por isso que eu não queria ter três filhos de jeito nenhum. Acho que filho do meio fica sempre no meio nunca está numa posição certa. Não está nem junto com um, nem junto com outro. Está sempre no meio, então é horrível ser neutra".

Ao final da entrevista "D" explica que sua mãe também é filha do meio e que ela fez muito para que "D" não sentisse esse problema. Pois sua mãe sente as mesmas coisas com relação à sua família.

"Ser do meio é a filha que nunca está em algum lugar, está sempre no meio. A gente sempre fica conciliando. A gente fica meio sozinha não é por rejeição é por que é diferente mesmo".



## DISCUSSÃO

Inicialmente, quando a mãe foi perguntada sobre sua decisão do segundo filho relatou sobre sua relação com o primeiro filho. As expressões "filho agarrado comigo" e "aprender dividir" foram as que mais apareceram para caracterizar seu relacionamento com ele. "D" demonstra todo o tempo que sua decisão do segundo filho estava vinculada à necessidade de "dividir" deste filho, e no excessivo "agarramento" em que ele se encontrava com ela.

"D" sente a necessidade de "dividir", ou melhor, separar um pouco esse "agarramento" muito embora coloque como mais uma necessidade da criança do que dela ou do casal. Para ela, será apenas através do seu segundo bebê que poderá haver "divisões" e menos "agarramentos" entre ela e o primeiro filho. Assim, essa mãe já está atribuindo ao bebê uma função na família.

"D" sabe que se ficar com um filho só repetirá o mesmo modelo de relacionamento que seu pai tem com sua avó paterna. Ela chama esse relacionamento de "aquela coisa" ou muitas vezes de "coisa muito doentia". Assim, não há discriminações nem coisas, há apenas uma "única coisa".

"D" é filha do meio assim como sua mãe. Ela sente que é uma posição de "não ter um lugar", "de não ter uma posição certa" e "de ficar sozinha". Por conhecer esse lugar, ela deseja que seus filhos não repitam a sua história. No entanto,

apesar do desejo de mudar a história futura querendo ter quatro filhos, decide repeti-la tendo três filhos. Ela declara "não poder fazer força" nos partos, que seu médico "não arrisca" quatro cesareas e que "é perigoso" a quarta cesarea.

Essa mãe esta falando do esforço que é para ela não repetir, através dos filhos, a própria história. Sente que é "perigoso" e "arriscado" fazer essas mudanças.

Ao falar desta sua gravidez "D" relata que "já sabe como é que é" e que com o primeiro filho "a gente imagina mais". "D" expressa que com relação ao segundo filho existem coisas que "já sabe" e portanto não imagina muito. Poderíamos nos perguntar sobre o que é que ela já sabe. "D" sabe a função do segundo filho e as dificuldades que ele terá. Essa é uma história já há muito conhecida para poder ser imaginada. "D" sabe que quando há três elementos um fica "sem lugar".

Estar grávida para "D" é algo muito bom de ser vivido. Coloca isso como sendo um momento onde o que deseja é realizado. "D" é obesa e este é um problema com o qual vive lutando e fazendo regimes na tentativa de emagrecer. Quando fica grávida, pelas suas contas, consegue atingir esse objetivo de emagrecer: "... com essa gravidez eu já emagreci 3 kg, quer dizer quando sair o neném, eu vou ter emagrecido". Mais adiante reforça que "nessa gravidez eu já emagreci 3 kg, que dizer deve sair mais uns 5 e ao todo deve ser 8 kg".

A alegria e bom estado de espírito que a gravidez propicia para esta mãe estão muito vinculados à algo de muito bom que irá acontecer. Esta mãe fala que irá emagrecer. Fala também que adora estar grávida "pensando no que vai nascer", ou seja, sente-se feliz pelo que virá. A gravidez cria um clima de otimismo onde ela fica com uma perspectiva de um futuro on de seus desejos estarão realizados.

## MÃE "E"

(35 anos, terceiro filho, já tem dois filhos - um menino e uma menina - sexto mês de gravidez.

### RELATO

A mãe "E" conta que ficou grávida sem nenhum planejamento. Sempre quis ter o terceiro filho mas o marido nem queria muito. Antes dessa gravidez, "E" engravidou mas teve que tirar o feto pois estava com problemas. Durante toda a entrevista "E" insistiu em dizer que a culpa da gravidez não foi sua e sim do marido, embora sempre quisesse ter o terceiro filho e o marido nem tanto. A respeito de sua gravidez "E" fala:

"Ah! esse terceiro! Bateu uma saudadezinha de ... eu estava talvez precisando completar mais um, não sei porque engravidei, a gente nunca sabe muito bem porque. A rigor engravidei sem querer. Freud explica não é; mas não foi proposital não.

Quem queria mais neném era mais eu do que meu marido. Não chegava a ser um eu queria, era um ... não era um queria pensado, era um queria imaginado só. Ai pronto, engravidei! Por isso eu digo, a culpa não foi minha, foi dele que não respeita a tabela. Mas foi um sem querer querido, mas não planejado."

No seu relato, esta mãe falou muito sobre as saudades que estava sentindo de ficar grávida. Explicou que a gravidez a deixa muito bem disposta tanto fisicamente como emocionalmente. Quando lhe pergunto sobre as saudades, "E" explica:

"Não sei se era saudades; saudades não de bebezinho porque eu gosto de criança um pouquinho maior. Mas não sei, de repente acabou, as crianças estavam grandes de novo, não tinha mais nhêm, nhêm, nhêm; aí eu falei: poxa! de repente outro nenem! Essas coisas a gente não pensa muito porque se pensasse não teria executado."

Com relação a como se sente grávida "E" diz:

"Eu passo muito bem na gravidez; minha gravidez é boa, eu tenho parto e pós-parto bom, não tenho nenhum problema. Me sinto ótima! É tão bom gravidez, ter filhos! Sempre quis ter quatro filhos; aí nasceu o primeiro e eu passei para três; aí quando nasceu a segunda achei que dois estava mais do que bom. Eu estava satisfeita. Se eu fosse um pouco mais nova eu até partia para o quarto filho. Já vou ter esse neném com 36 anos e não vou ficar tendo filho até 50 anos, você já pensou?"

"E" conta que está repetindo a mesma história que aconteceu com a sua mãe: ter dois filhos e depois de algum tempo ter outro. Na família de seu marido conta que o mesmo aconteceu: são dois filhos e bem mais tarde nasceu o terceiro filho.

Com relação as suas preferências de menino ou menina, "E" conta que sabe que será menino apesar de querer outra menina. "E" tem dois filhos, um menino e uma menina. "E" explica:

"Ah! Vai ser homem, eu sei; nem me pergunta porque. Querer mesmo, eu queria outra menina porque eu curto mais mulher. Eu tenho um menino e uma menina; ainda bem que eu já tenho a menina porque já tenho a minha garantia."

Sobre a escolha do nome de seus filhos "E" conta:

"O primeiro veio homem, fiquei contente porque meu pai nunca teve. Ele tem três filhas mulheres, então o pai dele não tinha nome até quando nasceu o meu filho homem. Eu achei ótimo porque satisfez ele; botou o nome do pai dele e está tudo ótimo. Na segunda gravidez aí eu falei: agora não tem nada, não tem nome para dar a ninguém, tem que ser menina, aí veio ela!"

Durante a entrevista "E" enfatizou sua certeza em relação ao terceiro filho ser do sexo masculino. Para ela sua certeza baseava-se em dois aspectos:

"Esse eu estou com pressentimento que vai ser homem, mexe muito, menino sempre mexe muito. Dizem também que eu estou com cara boa. Dizem que quando a mãe está bem é porque é homem, quando a mãe não está bonita é porque é menina; é que a menina tira toda a graça da mãe".

A gravidez do terceiro filho para esta mãe, está completamente diferente das outras. Embora esteja curtindo seu estado de estar grávida, admite que encontra-se ligada em muitas outras coisas e não só no filho. Percebe que isso ocorre tanto com ela como com o marido. "E" compara a sua primeira gravidez com a atual e relata:

"A gente está ligado em outras coisas. Antigamente a gente podia ficar uns dez minutos olhando a barriga pular. Hoje já não é tão interessante assim como há 10 anos atrás; não é assim aquela transação como nos primeiros. O primeiro tinha mais nhêm, nhêm, nhêm."

"... Até umas semanas atrás não se falava do neném. Hoje em dia, nós nem falamos tanto em qual vai ser o nome, as nossas preocupações são outras."

"E" conta que sua família são pessoas da Polônia. Sua mãe veio ao Brasil antes da guerra e seu pai depois. Seu pai perdeu toda a família. Fala que sua mãe é muito despachada, fala demais e "não tem papas na língua". Seu pai é totalmente diferente, "não fala muito as coisas dele, é caladão".

Ao final da entrevista, "E" faz um importante e breve relato sobre sua gravidez:

"Nada de interessante nessa gravidez, eu estou me sentindo ótima, juvenzíssima. Essa gravidez está sendo para mim, a volta aos anos ... . Eu estou me sentindo ótima. O pessoal diz para mim: que barato, que coragem, depois de 6 anos ficar grávida novamente.

Eu não falo nessa gravidez como eu falava na outra . Não sei se é porque a gente vai ficando adulta. Esse nenem não está sendo muito falado. Mas é ótimo ter barriga. Estou curtindo, só não é muito publicado!"

#### DISCUSSÃO

O discurso desta mãe está marcado por um clima nostálgico. "Saudadezinha", não ter mais nhem nhem nhem, "juvenzíssima", "volta aos anos...". São expressões que ela se utiliza para falar da sua decisão pelo terceiro filho. "E" não sabe muito bem definir do que é que sente saudades; sabe que não é pro

priamente de bebês pois: "Saudades não de bebezinho por que eu gosto de criança um pouquinho maior".

Esta mãe sente que precisa "completar mais um" pois vive uma falta que ora é de uma época, ora de um nhem nhem... O terceiro filho, veio para matar uma saudades, completá-la de alguma forma.

A decisão de "E" por este filho, não foi pensada e sim desejada pois "... se pensasse não teria executado". Daí, ter sido "um quer querido e não planejado". Ela sabe que o sentimento de falta, responsável pela terceira gestãõ, continuará a existir apesar do filho; mas "E" deseja. Daí, sua decisão ter sido um "querer querido e não planejado" pois quem planeja pensa e "E" não pensou apenas desejou.

A terceira gravidez para essa mãe "já não é tão interessante assim", e o casal "está ligado em outras coisas". Mas mesmo assim ela curte mas "só não é muito publicado".

Assim, no discurso de "E" dois aspectos estão muito presentes, o primeiro que é a sua consciência de não completude e concomitantemente o seu desejo pelo filho que, continua existindo independente de sua experiência.

"E" mostra na sua entrevista uma preocupação com a continuidade da família. Foi muito importante para ela ter realizado o seu desejo de poder dar o nome de seu avô paterno para seu filho - "Meu pai tem três filhas mulheres, então o pai de



le não tinha nome até quando nasceu o meu filho homem". "E" resgata a palavra do seu pai que "é caladão e não fala muito as coisas dele". A possibilidade de dar um nome da família a seu filho, parece realizar o seu desejo de preservação e continuidade da família.

"E" fala também de uma satisfação por já ter tido uma filha mulher: "Ainda bem que eu já tenho a menina porque já tenho a minha garantia". De que garantia esta mãe está falando? Estaria "E" garantindo a sua história através da filha?

Para finalizar, é interessante ver como "E" preocupa-se com a continuidade da família a ponto de repetir na sua própria família a mesma estrutura familiar sua e de seu marido, tendo dois filhos e um terceiro temporão.

## MÃE "F"

(28 anos, terceiro filho, sexto mês de gravidez, tem dois filhos homens).

### RELATO

A mãe "F" conta em sua entrevista que ficou grávida sem ter planejado com antecedência. Aliás, todos os seus outros dois filhos vieram também sem nenhum planejamento. Ao perguntar como se decidiu ter o terceiro filho, "F" responde:

"Foi ele (nenem) quem se decidiu; nada planejado, veio meio fora de previsão. A gente curte ter nenem e de repente se você começa a fazer as coisas muito planejadas eu acho que você acaba não tendo. Eu ia colocar o DIU no mês seguinte. Acho que ele já previu e disse: deixa eu vir rápido porque se eu bobear eu não posso mais vir. Aí, já estava com dois, deixa vir mais um."

"F" curte ter filhos, seu único problema é no início onde as crianças exigem muitos cuidados e muita ligação dela com eles. Além disso fala como é muito solitário esse momento. Veja mos como "F" relata esse momento:

"Meu marido curte ter filhos, ele quer ter quatro. Eu também gosto, meu único grilo é esse negócio assim de ter muita dependência da criança. Isso é muito brabo para mim.

Quando é pequenininho qualquer mudança eles sentem, são mais sensíveis, os cuidados são redobrados e praticamente sozinha porque você não conta com ninguém."

O interesse de "F" antes de ter ficado grávida era voltar a trabalhar. Mas logo desistiu ao saber que estava esperando mais um filho.

Para "F" essa terceira gravidez foi caracterizada pela tranquilidade que sente comparado com as outras. Diz já não ser uma nova experiência por isso não é novidade e assim se sente mais tranqüila.

"Com esse agora estou bem mais tranqüila. Com os primeiros, é mais uma ansiedade tua; as vezes você vai lá no quarto só para ver se a criança está respirando.

Eu já sei tudo que eu sinto, já tive dois partos, já sei como foram os partos. Essa expectativa de como é que você vai agir já não tenho mais. Do primeiro para o segundo já diminui a angústia. Agora então no terceiro não tenho angústia nenhuma.

Estou bem mais tranqüila nessa gravidez. Emocionalmente eu me sinto muito bem e no início da gravidez muito produtiva, uma energia a mais. Mas nessa gravidez eu já sabia que acontecia isso comigo. Aí as coisas fluem mais naturalmente."

"F" coloca que com relação ao terceiro bebê, as famílias tanto do marido como a sua, a tranquilidade também aparece. Segundo ela "o impacto é menor".

"É bem diferente de quando eu tive o primeiro. A mi

nha sogra toda hora queria saber como é que estava. O acompanhamento das famílias era muito maior. Dessa vez, minha sogra tem além dos dois para perguntar, tem o nenem. Não que deixe de perguntar, mas a expectativa é menor. A intensidade é outra, não que não seja positiva. Com minha mãe é a mesma coisa; ela também já tem outros netos. A emoção do primeiro filho é mais forte."

"F" conta com os seus dois filhos para ajudá-la a cuidar do bebê e não entrar numa relação muito cansativa com ele. A família, no caso os filhos, estão esperando esse terceiro filho como um presente. Segundo ela, essa espera positiva dos filhos está muito relacionada com o que eles (mãe e pai) passaram a essas crianças. "F" relata esse aspecto da seguinte maneira:

"Estou tranquila nessa gravidez porque também estou preparando as crianças para me ajudar de alguma forma, dar mais responsabilidade a eles, fazer eles participarem, olhar o nenem.

Principalmente o meu filho mais velho está curtindo muito o nenem. Está achando que vai ser um presente para ele. A gente também coloca na cabeça deles coisas positivas. Eu digo: você que vai tomar conta, vai me ajudar! vocês não gostam de nenem? Não querem mais nenem? Então vocês tem que me ajudar. Assim fica uma coisa mais tranquila."

Foi perguntado a "F" sobre suas preferências com relação ao bebê, de ser menino ou menina e esse ponto considerado "crítico" por ela, foi relatado da seguinte maneira:

"Essa pergunta é crítica. Todos dizem que eu devo querer uma menina porque já tenho dois meninos. Para mim realmente não tem muita diferença. Minha maior preocupação é que seja saudável fisicamente."

"F" não faz questão de qual seja o sexo do bebê pois para ela "as coisas estão tendendo para uma coisa muito igual" para homem e mulher. Acha que hoje as coisas não são mais como antigamente que o homem é que "tinha que ser o primeiro filho e cuidar da família".

O que "F" deseja realmente desta criança é que seja "saudável, leal, tranquila e que seja útil".

"F" enfatiza todo o tempo que não tem preferências e que a preferência de ser mulher é de outras pessoas.

O nome escolhido até agora para o bebê é de uma menina, aliás esse já está definido. Caso seja um menino não há nome escolhido pois "F" está achando muito difícil escolher.

"Agora é mais difícil nome de homem. A gente tem um ou dois nomes que gosta, agora três nomes é difícil."

Para "F" a dificuldade da escolha do nome está pelo fato de "todos os nomes que eu curto já tem". Conta que a família do marido tem muitos homens e com bonitos nomes mas "não dá para colocar igual porque se não fica tudo igual." Gosta muito do nome do sogro mas procura respeitar a tradição da família que é a de colocar nome de familiares que já morreram.

"F" é a terceira filha numa família que tem um irmão mais velho e uma irmã do meio. Fala que a preocupação maior de seu pai era que os filhos tivessem um bom nível de instrução. Apesar dessa ser uma preocupação com todos, preferências sempre ocorreram na família. Para ela foi clara a excessiva preocupação que houve quando chegou a época da escolha da carreira de seu irmão. Com ela, isso não ocorreu.

"Essa expectativa que a gente joga na criança, principalmente no primeiro filho é muito ruim, a gente fica muito em cima. Na minha família isso aconteceu com meu irmão mais velho. Ele claramente era o preferido. A escolha da profissão dele foi muito tensa, todo mundo se meteu. Agora comigo não, eu já era a terceira e mulher! Mulher é mulher não é! A preferência é menor. Podia escolher qualquer coisa. Meu pai só queria de mim um curso superior. Ele já não se incomodava tanto como na época do meu irmão. Comigo as exigências foram menores."

## DISCUSSÃO

Esta mãe não considera como desejo seu os acontecimentos provocados por ela mesma. Inicialmente "F" delega ao seu bebê o desejo de ter vindo ao mundo e não ao casal - "Foi ele que se decidiu; ... veio meio fora de previsão" - Apesar de seu tom de brincadeira, ela fala pelo seu bebê, imprimindo nele o seu próprio desejo - "Acho que ele já previu e disse: deixa eu vir rápido porque se eu bobear eu não posso mair vir".

Assim, há uma necessidade, desta mãe, em fazer do seu bebê uma "outra pessoa", pois não está aguentando o inevitável estado de mistura inicial mãe-bebê. "F" declara "... meu único grilo é esse negócio assim de ter muita dependência da criança. Isso é muito brabo para mim". Na medida em que delega para seus filhos o desejo de ter neném e a responsabilidade dos cuidados sente-se bem mais tranqüila. "F" diz aos filhos: Não querem mais nemem? Então vocês tem que me ajudar. Assim fica mais tranqüilo".

Esta mãe tem dois filhos do sexo masculino e quando lhe foi perguntado sobre a preferência do sexo deste filho novamente atribuiu aos outros sua própria preferência. "F" declara que trata-se de uma "pergunta crítica" mas não para ela e sim para os outros.

Todos com quem "F" tem contato "... dizem que eu devo querer uma menina porque já tenho dois meninos". Mas para ela não tem preferência alguma já que "as coisas estão tendendo para uma coisa muito igual". No entanto ao escolher o nome para o bebê diz já ter definido o nome da menina e não de menino pois "todos os nomes que curte já tem" e que "não dá para colocar igual porque se não fica tudo igual".

Com relação à sua gravidez "F" costuma sentir-se muito bem, inclusive com mais energia para novas realizações: "Uma energia a mais". Emocionalmente diz sentir-se muito bem. Nesta gravidez declara sentir-se muito bem apesar de fisicamente mais pesada do que nas outras gestações. Declara que esta gra-

videz pode ser caracterizada pelo seu estado de "tranquilidade pois já sabe tudo que sente e que não há mais novidades" - "o impacto é menor". Declara que isso ocorre com ela e com os outros familiares (avós). Assim "F" parece ter um investimento emocional nesta sua gravidez bem menor do que nas outras - "a expectativa é menor. A emoção do primeiro filho é mais forte". "F" manifesta através desse discurso como não vive ilusões nesta gravidez pois não há impacto e já conhece tudo que vai ocorrer. Além disso ela encontra-se num momento onde está voltada para outros desejos e prazeres como o de voltar a trabalhar.

A história contada por "F" ao final de sua entrevista é muito interessante no sentido de compreender como a sua vivência do terceiro filho é semelhante a do terceiro filho em sua família de origem. Ela revive a sua própria história de terceira filha repetindo-a, agora, nesta terceira gravidez.

Esta mãe é terceira filha e declara que sentiu que sua preferência foi menor, seu pai "já não se incomodava tanto como na época do irmão mais velho". Ela ao declarar que "o primeiro o impacto é mais forte" fala também de sentir que seu irmão mais velho foi mais investido com preocupações da família. Fala também de como ela foi menos investida pela família tanto que "podia escolher qualquer coisa".

Assim podemos dizer que "F" repete a sua própria história familiar na família que está formando, tendo um investimento emocional nos filhos, semelhante ao investimento de sua família de origem.



## CONCLUSÃO

A mulher quando está grávida vive um estado de completude que a deixa muito bem emocionalmente. Nesse momento da sua vida o que ocorre é um estado de plenitude, de realização de desejo, de completude, de ideal atingido. Isso se expressa diferentemente pelas mães: para uma, emagrecer quando passa a vida fazendo regimes; para outra, ter a atenção do pai quando sempre sentia falta; ou então sentir-se com mais energia para produzir; ou ainda não ter mais enxaquecas e se sentir bem disposta; até sentir-se "jovenzíssima" quando sempre se acha mais velha. Mas a figura central responsável por este estado de plenitude é o bebê.

Freud afirma que a castração na menina é um fato consumado, que gera nela um sentimento de inferioridade — inveja do pênis — aponta então para a ferida narcísica. Na escuta do discurso destas grávidas, entendemos que elas recuperam algo. Essas mães vivem um momento onde há uma reparação do seu narcisismo. É pelo bebê que elas recuperam a falta deixada pela ausência do falus. O bebê é fantasiado no lugar do falus. Ele corresponde à equação simbólica, pênis-bebê, colocada, por Freud.

O sujeito é marcado por uma falta geradora de desejo, que para a mulher, no momento da gravidez, é de certa forma satisfeito. O bebê tem a função de preencher momentaneamente essa falta. Naquele instante ele representa o falus. Desta forma o investimento libidinal que a mulher faz na sua gravidez, ou melhor, no filho, é um investimento fálico.

Em todas as entrevistas a estrutura do discurso das grávidas é semelhante. Todas falam do preenchimento de uma falta, de um instante de plenitude, de um desejo satisfeito. Há, sem dúvida, um resgate narcísico das mães, um investimento fálico no bebê. No entanto, o conteúdo do discurso das grávidas de primeiro, segundo e terceiro filho são diferentes.

Quanto às mães de primeiro filho, o que é mais presente em seus discursos é uma espécie de ilusão: "um estado de graça". Isso muito mais intenso do que nas mães que estão na segunda e terceira gestação.

As de segundo filho, ao justificarem a decisão de mais um filho, referem-se sempre às dificuldades que tem com o outro filho. A decisão pelo segundo filho está referida ao primeiro. Esse aspecto nos leva à seguinte pergunta: Que papel estaria sendo atribuído, por essas mães, ao segundo filho?

As mães de terceira gestação, apesar de viverem a gravidez como um estado de plenitude, mostram saber que a completude não é eterna, o terceiro filho "já não é tão interessante assim". Podemos levantar a hipótese de que, o objeto de desejo destas mães poderia estar se deslocando para outro significante, que não o bebê.

Ao mesmo tempo que é manifestada uma vivência de completude há também uma manifestação de desejo com relação ao bebê. Podemos dizer que o desejo é permanente, mesmo quando vivida uma grande satisfação. As mães manifestam esse desejo das

seguintes formas: a primeira deseja que seu bebê venha preencher as faltas deixadas pelo marido. A segunda espera que a filha (no caso de ser menina) a ajudará a encontrar o seu lugar de mulher. A terceira e a quarta mãe querem que seus bebês venham acabar com a confusão das relações com os seus primeiros filhos. A quinta mãe espera que este terceiro filho seja aquele que elimine a sua "saudadezinha" e lhe dê o "nhem nhem nhem" de que se ressentia não ter mais. E, a última mãe, espera que o filho seja útil, até no sentido dela falar por ele seus próprios desejos: "ele (bebê) disse deixa eu vir, por que se não ...".

Essas mães, ao falarem destes seus desejos, deram a nítida impressão que os bebês já existiam e já estavam dentro do contexto da família, muito embora eles ainda estivessem para nascer. Nesse discurso que antecede o nascimento do bebê, as mães falam do lugar que o bebê já ocupa. O desejo delas, condutor deste discurso, é que aponta para esse lugar.

Até agora, falamos do desejo do ponto de vista da mãe. Nada nos autoriza a falar sobre o destino do bebê. Apenas um estudo longitudinal poderia nos fornecer dados a respeito do desejo da mãe e a história futura da criança. Todavia, a teoria nos diz que o bebê está sujeito ao desejo da mãe, e que este possivelmente influenciará toda a sua história futura. Se assim for, levantamos a questão da "herança psíquica". Seria pelo desejo dos pais, articulado no discurso da mãe, que as peculiaridades psíquicas das famílias sobreviveriam a diversas gerações? Ou melhor, seria pelo desejo, que as "heranças psíquicas" estariam garantidas?

O que podemos dizer, entretanto, é que em todos os casos por nós analisados neste estudo, o desejo de uma reedição da história das famílias está presente. Notamos também que este aspecto aparece no momento onde um "novo" grupo familiar está sendo formado. No relato das mães, as suas relações familiares antigas, ou as dos maridos, foram trazidas e, "coincidentalmente", as histórias eram muito semelhantes aos seus desejos com relação ao bebê.

A primeira mãe fala sobre a sua preferência por um filho homem - por ser "mais companheiro da mãe". Exatamente como na sua família original onde "a filha é mais chegada ao pai e o filho à mãe". A segunda prefere uma filha mulher pois não deseja que a sua própria história seja repetida. A terceira preocupa-se com o futuro relacionamento entre o bebê e o seu primeiro filho, por causa da diferença de idade entre eles; esse problema já é conhecido por ela, pois viveu isso quando criança.

A quarta mãe quer ter quatro filhos para que este segundo filho "não fique na posição de filho do meio e sem lugar", assim como ela e sua mãe. A quinta, constitui uma família igual à sua e à de seu marido: dois filhos com pequena diferença de idade e um terceiro temporão. Esta mãe deu a seu primeiro filho o nome de seu pai. Seria esse um desejo de garantir ao pai a sua continuidade familiar? E, finalmente, a sexta mãe faz um investimento no terceiro filho semelhante àquele que sua família de origem fez em relação a ela.

Assim, este estudo analisou a representação psíquica do bebê em mulheres grávidas. Entretanto, ao final deste trabalho, parece-nos que o significado do bebê transcende ao fato da mulher estar ou não grávida, uma vez que estamos tratando com "representações". Parece-nos também, que a feminilidade transcende a possibilidade de se ter ou não um bebê. Essas são questões relevantes que indicamos para serem elaboradas futuramente num estudo sobre a questão do feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULAGNIER, P. A Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado, Ed.Imago, Rio de Janeiro. 1970.
- \_\_\_\_\_. El Sentido Perdido. Ed.Trieb, Buenos Aires, 1980.
- \_\_\_\_\_. "Observações sobre a estrutura psicótica" em: Psicose: uma leitura psicanalítica. Coordenado por C. S. Katz, Ed.Interlivros, Belo Horizonte, 1979.
- \_\_\_\_\_. "O Sentido Perdido ou o "esquizo" e a significação". em: Psicose: uma leitura psicanalítica. Coordenado por C.S.Katz, Ed.Interlivros, Belo Horizonte, 1979.
- BOONS, M.C. "A propósito do orgasmo", em o feminino aproximações. Coordenado por J. Birman e C.A. Niceas, Ed.Campus, Rio de Janeiro, 1986.
- BRAZIL, C.N.V. O Jogo e a Constituição do Sujeito na Dialética Social. Tese de Doutorado. PUC/SP, 1982.
- CABAS, A.G. Curso e discurso da obra de Jacques Lacan. Ed. Moraes, São Paulo, 1982.
- DOLTO, F. Sexualidade Feminina. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 1984.

FREUD, S. "Os Três Ensaiois" (1905), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Romances Familiares" (1909), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX., E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Sobre o Narcisismo uma Introdução" (1914), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Identificação" (1921), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Organização Genital Infantil" (1923), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Dissolução do Complexo de Édipo" (1924), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Consequências Psíquicas das Diferenças Anatômicas entre os sexos" (1925), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

FREUD, S. "Sexualidade Feminina" (1931), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI., E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

\_\_\_\_\_. "Feminilidade" (1933), em: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII., E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974

LACAN, J. A Família, Ed. Assirio e Alvin, Lisboa, 1981.

\_\_\_\_\_. "A Instância da letra no inconsciente ou a razão de Freud", em: Escritos. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978.

\_\_\_\_\_. "A Significação do Falo", em: Escritos. op.cit.

\_\_\_\_\_. "Função de Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise", em: Escritos. op. cit.

\_\_\_\_\_. "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique", em: Écrits. Ed. du Seuil, Paris, 1966.

\_\_\_\_\_. "O eu e o outro", nº IV, em: O Seminário, Livro I, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_. "Sobre o narcisismo", nº IX, em: O Seminário. op.cit.

\_\_\_\_\_. "Os dois narcisismos", nº X, em: O Seminário. op.cit.



LACAN, J. "Ideal do eu e eu ideal", nº XI, em: O Seminário.

Op. cit.

\_\_\_\_\_. "A ordem simbólica", nº XVIII, em: O Seminário.

Op. cit.

\_\_\_\_\_. "A função criativa da palavra", nº XIX, em: O Seminário.

rio. Op. cit.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Livraria Martins Fontes Ed., São Paulo, 1983.

LEMAIRE, A. Jacques Lacan: uma introdução. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1982.

MITCHELL, J. Psicanálise e Feminismo. Ed. Interlivros, Belo Horizonte, 1979.

NICÉAS, C.A. "Primado do Falo e Castração Feminina", em: O feminino: aproximações. Coordenado por J. Birman e C.A. Niceas, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1986.

POMMIER, G. A Exceção Feminina - Os Impasses do Gozo. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987.

ROSA; L.A. Freud e o Inconsciente. Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1983.

SAFOUAN, M. A Sexualidade Feminina nas Doutrinas Freudiana .

Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1977.

SMIRGEL e CHASSEGUET, J. A Sexualidade Feminina - Novas pes-

quisas. Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.

VALLEJO, J.A. LACAN: Operadores de Leitura. Ed. Perspectiva ,

São Paulo, 1981.

**ANEXO**

ESTE ANEXO TEM COMO CONTEÚDO A TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA DA MÃE "E".

ENTREVISTA - MÃE "E"

Esse terceiro, ah não sei, bateu uma saudadezinha de ... eu estava talvez precisando até completar mais um, não sei, a gente não sabe muito bem porque. Eu engravidei ano passado , mas foi sem querer, quer dizer não foi planejado como os outros dois que eu parei de tomar a pílula para engravidar. A rigor foi sem querer. Ano passado eu perdi um neném, perdi não, tive que fazer uma cirurgia; tive que tirar porque tinha uma má formação congênita, uma encefalia: a calota do cérebro não fechou. Isso tem um ano. Logo que fiquei boa, com vida normal, eu engravidei novamente, quer dizer Freud explica né, mas não foi proposital não. Quem queria mais nenem era mais eu do que meu marido. Não chegava a ser "eu queria", era um ... não era um queria pensando era um queria imaginado só, aí pronto engravidei. Por isso eu digo a culpa não foi minha foi dele que não respeita a tabela. Eu não posso fazer nada, porque eu tomava pílula. Há três anos atrás aí eu resolvi que acabou, eu não tomo mais nada se ele quiser ele que tome o que quiser; aí como é que se faz, é na tabela né. Eu estou sempre cumprindo ele que não obedece. Mas foi sem querer, quer dizer foi um sem querer querido mas não planejado.

- Você falou que estava com saudades.

Não sei se era saudades; saudades não de bebezinho porque eu gosto de criança um pouquinho maior; mas não sei de repente acabou, as crianças estavam grandes de novo, não tinha mais nhem , nhem, nhem, aí eu falei: puxa de repente outro nenem. Essas coisas a gente não pensa muito porque se pensasse não teria execu-

tado; quer dizer não teria deixado.

- Você sempre quis ter três filhos?

Não, eu queria ter quatro, aí nasceu o primeiro e eu passei para três, aí quando nasceu a segunda achei que dois está mais do que bom. Eu estava satisfeita. Se eu fosse um pouco mais nova de repente eu até partia para quatro. Já vou ter esse neném com 36 e eu não vou ficar tendo filho até 50 anos, você já pensou?

- Como é essa gravidez, é diferente das outras?

Eu só estou com uma preocupação a mais por causa do acontecido. Mas com esse está tudo bem, quer dizer está inteiro. Eu passo bem na gravidez. Eu tenho gravidez boa, eu tenho parto e pós-operatório bom, não tenho problemas de dor. Eu tive crianças boas também, dentro da normalidade de crianças boas. Mas eu acho que não está sendo muito curtida não essa gravidez; acho que por essa preocupação. Acho que agora depois do exame é que eu vou relaxar mais. As crianças estão curtindo de montão. No início meu marido não estava radiante, hoje ele até está curtindo. Eu sou filha mais velha, tenho uma irmã e outra temporona que tem seis anos de diferença e minha mãe dizia: eu já ia ao cinema com vocês e tinha que ir à pracinha com a sua irmã. Quer dizer, são diferenças que são da vida prática e ela teve um ataque quando soube que eu estava esperando um neném já certo. "Meu Deus a mesma coisa que eu fiz, você não devia ter feito isso". Por que ela viu que com meu marido é igualzinho, ele é o mais velho, tem o irmão e depois espaçando tem o outro pequeno, quer dizer o pequeno tem 26 anos agora. A diferença é que lá é tudo homem. A minha

irmã menor, tem 29 anos e até hoje é pequenininha. De repente para o meu marido dois é suficiente porque na casa é ele e a mulher dele e não os filhos.

- Já escolheu o nome

Eu quero os nomes, mas eu já tenho galera opinando. Eu já escolhi, se for homem que vai ser homem é Marco. Ah vai ser homem, eu sei, nem me pergunta porque. Eu tenho um menino e uma menina ainda bem que eu já tenho a menina porque já tenho a minha garantia. Querer mesmo, eu queria outra menina porque eu curto mais mulher. Podes crer que esse é um menino. Basta eu querer que aí vem peru. Eu já tive uma filha mulher logo para garantir porque hoje em dia .... O primeiro veio homem, fiquei contente porque meu pai nunca teve, ele tem três filhas mulheres então o pai dele não tem nome até hoje, aí quando nasceu homem eu achei ótimo porque satisfiz ele: botei o nome do pai dele, meu avô, e está tudo ótimo. Na segunda gravidez aí eu falei! Agora não tem nada, não tem nome para dar a ninguém, tem que ser menina aí veio ela. Garanti a minha mulher. Esse eu estou com pressentimento que vai ser homem, mexe muito, menino sempre mexe muito. Dizem também que eu estou com a cara boa. Dizem que quando a mãe está bem é porque é homem, quando a mãe não está bonita é porque é menina. É que menina tira toda a graça da mãe. Se for homem vai ser Marco. Nome de homem é uma dificuldade. Eu gosto de nome curto e sem "s". Eu sempre fui no fim da chamada na escola e também tem que pensar nisso. É bom pensar um nome que fica mais ou menos no meio da lista de chamada. Se for mulher seria Paola; seria não será, se for mulher.

Hoje em dia, nós não falamos tanto nisso, as preocupações são outras, já não se fala em qual vai ser o nome. Esses planejamentos já não tem tanta importância assim. A gente fala muito pouco do neném.

- Como está essa gravidez e o que tem de diferente das outras

Para mim está ótimo, pra mim é tudo igual. Mas a gente está ligado em outra coisa. Por exemplo, nossa vida já está montada. Antes, quando nasceu o primeiro, pô a gente tinha que fazer um armário, eram outras preocupações, era o primeiro era mais nhem, nhem, nhem agora não dá nem tempo. Antigamente a gente podia ficar uns dez minutos olhando a barriga pular. Mesmo porque já não é tão interessante como há dez anos atrás, não é assim aquela transação como nos primeiros. Nessa gravidez, não se pensa nem em gravidez porque não dá.

- Como são as famílias com relação a gravidez?

Minha mãe fica espantada ... agora que jeito, uma avó jamais vai ... Até umas duas ou três semanas atrás não se falava do nenem, por causa dos antecedentes. Nas outras gravidez já tinha roupas. Aqui não porque só se começa a comprar coisas quando começa a mexer, que dá sinal de vida. Isso faz parte da tradição das mulheres. Tanto que na outra gravidez eu descobri que tinha problema porque o feto não se mexia. Devido a essa história já não se fala muito do nenem. Acho que agora que eu sei que está tudo bem, é que vamos começar a comprar coisas. Na família do meu marido o pessoal não é muito chegado, só em festas.

Acho que depois que a gente é velha o pessoal já não se empolga tanto.

Eu estou me sentindo ótima, jovensíssima. Eu lembro que a minha mãe dizia que quando ela ia em reunião de escola eu falava: "Puxa mamãe, as mães são tão novas e você não é". As outras mães eram mais novas. Eu quando tive o primeiro filho com vinte e seis anos já não era tão novinha assim, não que eu me considerasse velha, mas tem mãe com vinte e dois anos já com filho.

- Como é a família ?

São um casal de emigrantes da Polônia, meu pai veio depois da guerra e minha mãe antes, quando menina. A minha mãe é uma pessoa muito despachada, ela fala com sotaque e acha que não tem sotaque nenhum. Ela se acha o máximo, fala se precisar até com o presidente. Meu pai é uma pessoa pacatíssima, boníssima, sossegado, não fala muito as coisas dele. Ele é muito querido mas é muito caladão. Costuma-se gostar mais do meu pai porque é fechado; já a minha mãe não tem papas na língua.

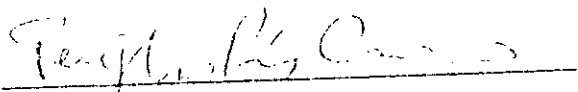
- Como você resumiria a sua gravidez?

Nada muito interessante nessa gravidez, nada de vibrante. Essa gravidez está sendo para mim a volta aos anos ... Eu estou me sentindo bem. O pessoal diz para mim: que barato, que coragem ! Eu curto quando o pessoal me acha corajosa nessas alturas do campeonato, porque a menina já tem 6 anos. Eu não falo nessa gravidez como eu falava na outra. Não sei se é porque a gente vai ficando adulta. Esse nenem não está sendo muito falado. Por mais que eu ache que o que aconteceu o ano passado foi para o bem, fi-

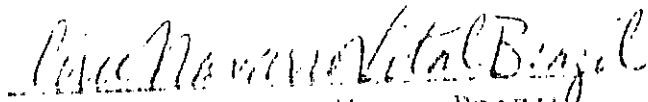


cou a marca. Então, não falo muito para não abrir a boca. Mas é ótimo ter barriga, estou curtindo, só não é muito publicado.

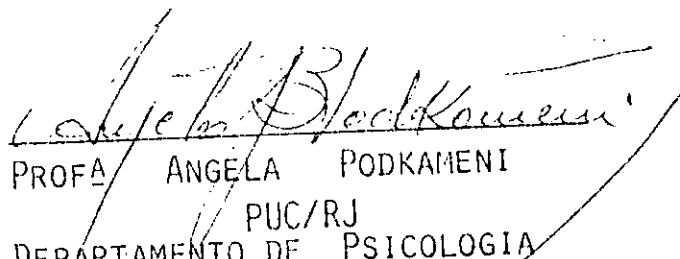
DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
DA PUC/RJ, FAZENDO PARTE DA BANCA EXAMINADORA OS SE-  
GUINTESS PROFESSORES:

  
PROFA TEREZINHA FERES CARNEIRO  
ORIENTADOR  
PUC/RJ

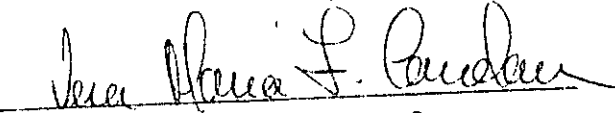
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

  
PROFA CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL  
PUC/RJ

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

  
PROFA ANGELA PODKAMENI  
PUC/RJ  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

VISTO E PERMITIDA A IMPRESSÃO  
RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1987

  
VERA MARIA FERRÃO CANDAU  
COORDENADORA DOS PROGRAMAS DE PÓS-  
GRADUAÇÃO DO CENTRO DE TEOLOGIA E  
CIÊNCIAS HUMANAS